



Rosa Maria Almeida  
Lourenço

## **Dar Lugar à Criação**

Abordagem à obra de arte no 2º Ciclo do Ensino Básico

Mestrado em Ensino de Educação Visual e  
Tecnológica no Ensino Básico

Relatório de Estágio

Abril/2011



Rosa Maria Almeida  
Lourenço

## **Dar Lugar à Criação**

Abordagem à obra de arte no 2º Ciclo do Ensino Básico

Mestrado em Ensino de Educação Visual e  
Tecnológica no Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Maria Isabel de  
Chagas Henriques de Jesus

Abril/2011

À minha mãe...

## **Agradecimentos**

Aos meus colegas da Escola Básica 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim, pelo apoio e incentivo, especialmente:

Ao Conselho Pedagógico da escola que tornou possível a realização deste projecto;

À Directora da Escola, Professora Conceição Pereira;

À professora Maria de Fátima Cota, professora Catarina Isabel Figueiredo, professora Lúcia Capela, professora Maria Conceição Batista e professora Paula Frade que sempre deram incentivo nos momentos de maior cansaço;

Ao meu par pedagógico Ana Isabel Escrevente Figueiredo, pelo apoio na realização deste projecto na sala de aula.

O meu reconhecimento aos alunos do 6ºB pelo entusiasmo, empenho e disponibilidade na participação deste projecto.

A todos os colegas de Mestrado, pela partilha de saberes e experiências;

Às amigas Paula Caetano e Alexandra Soveral, pelo encorajamento, companheirismo e partilha;

À colega e amiga Adelaide Alves pela disponibilidade, com que me acompanhou ao longo deste caminho, ajudando no desenrolar deste projecto e incentivando-me em momentos de cansaço.

## Resumo

Este projecto utiliza uma metodologia de investigação - acção que foi implementado em contexto de sala de aula e pretendeu contribuir para que a prática lectiva na disciplina de Educação Visual e Tecnológica fosse abordada de forma a desenvolver um diálogo com a obra de arte.

Esta abordagem procurou dar resposta à questão: *Como podem os alunos através do recurso à pintura contemporânea, produzir objectos plásticos com base nas suas vivências?* Esta pergunta surge na sequência do Roteiro da Educação Artística – Lisboa/2006 onde se realça que “cada cultura possui as suas expressões artísticas e as suas práticas culturais específicas” ...e “Qualquer abordagem à Educação Artística deve ter como ponto de partida a cultura a que o educando pertence.”

O trabalho desenvolvido junto dos alunos centrou-se na criação de objectos plásticos resultantes das suas vivências pessoais, onde se valorizou não só o resultado obtido, mas todo o processo que os alunos percorreram para lá chegar. Pretende-se saber que estratégias os alunos utilizaram quando confrontados com a criação de um ou vários objectos, que representam “algo” que faz parte da sua vivência/imaginação pessoal.

Após a análise/reflexão dos resultados obtidos, através dos diferentes elementos de recolha de dados, pode-se concluir que os alunos estão receptivos a este tipo de experiências de aprendizagem. A observação das obras de arte de pintores contemporâneos portugueses, contribuiu para um aumento da motivação, quer na realização da actividade e desenvolvimento das capacidades de interpretação, quer na percepção de símbolos/significados, que permitiram superar as suas dificuldades.

No final, verificou-se que os alunos aumentaram a sua auto confiança e a autonomia face às suas dificuldades de expressão na realização do seu objecto plástico.

**Palavras-chave:** Disciplina de Educação Visual e Tecnológica, Pintura Contemporânea, Objecto Plástico

## **Abstract**

This project uses a methodology of research - action that was implemented in the context of the classroom and sought to contribute to the teaching practice in the discipline of Art and Technology was approached to develop a dialogue with the artwork.

This approach sought to answer the question: How can students through the use of contemporary painting, produce plastic objects based on their experiences? This question arises following the roadmap of Arts Education - Lisbon/2006 stresses that "each culture has its own artistic expression and its specific cultural practices" ... and "Any approach to Arts Education must take as its starting point from the culture that student belongs to." The work with the students focused on the creation of plastic objects resulting from their personal experiences, having been valued not only the result, but the whole process that the student took to get there. Wanting to know what strategies students used when confronted with the creation of one or several objects, which represent "something" that is part of their experience/personal imagination.

After the analysis/reflection of the results obtained through the different elements of data collection, one can conclude that students are receptive to this type of learning experiences. The observation of art works by contemporary Portuguese painters, contributed to an increased motivation in the pursuit and development of skills of interpretation and perception of symbols and meanings, which enabled them overcome their difficulties, when performed their plastic objects, increasing self confidence and autonomy in relation to their difficulty expressing themselves.

In the end, it was found that students increased their self confidence and autonomy in relation to their difficulties in achieving expression of its plastic object.

**Keywords:** Discipline of Visual and Technological Education, Contemporary Painting, Plastic Object

# Índice Geral

<b>Resumo</b>	v
• Palavras – Chave	v
<b>Abstract</b>	vi
• Keywords	vi
<b>Índice Geral</b>	vii
Índice de quadros	viii
Índice de imagens	viii
Índice de Slides	viii
Índice de Gráficos	viii
<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo I - Enquadramento Teórico</b>	5
1.1. A Disciplina de EVT e o Programa da disciplina	5
1.2. Currículo Nacional do Ensino básico - competências essenciais	6
1.3. Objecto	9
1.3.1. Objecto plástico	10
1.4. Aprendizagem e Aplicação dos Activadores Criativos	11
<b>Capítulo II – Estudo Empírico</b>	19
2. Metodologia	19
2.1. Vantagens e Desvantagens	20
2.2. Contexto da Investigação	21
2.3. Técnicas e Instrumentos de recolha de dados	21
2.3.1. Documentais	21
2.3.2. Não Documentais	22
2.3.2.1. Observação Directa – Participante	22
2.3.2.2. Notas de campo /grelhas de observação	23
2.3.2.3. Registos fotográficos/áudio visuais	23
2.3.2.4. Trabalhos produzidos pelos alunos	24
<b>Capítulo III – Descrição do Projecto</b>	25
3. Análise dos dados recolhidos durante o projecto	25
3.1. Procedimentos	25
3.2. Descrição do Projecto	26
3.2.1. Primeira Fase do Projecto	27
3.2.2. Segunda Fase do Projecto	35
3.2.3. Terceira Fase do Projecto	42
3.2.4. Quarta Fase do Projecto	53
3.3. Apresentação e discussão dos resultados	54
<b>Conclusões</b>	57
<b>Bibliografia</b>	I
• Webgrafia	III

<b>Apêndices</b>	V
• Apêndice I	VI
• Apêndice II	VIII
• Apêndice III	X
• Apêndice IV	XII
• Apêndice V	XVII

### **Índice de Quadros**

• Quadro I – Activadores Criativos	14
• Quadro II – Desenhos realizados na fila 1	28
• Quadro III – Desenhos realizados na fila 2	29/30
• Quadro IV – Desenhos realizados na fila 3	31
• Quadro V – Desenhos dos alunos que fizeram dois temas	32
• Quadro VI – Objectos Plásticos produzidos pelos alunos	44

### **Índice de imagens**

• Imagem I – 1º Esboço	42
• Imagem II – 2º Esboço	42
• Imagem III – 3º Esboço	42
• Imagem IV – 4º Esboço	42
• Imagem V – Estudo de Cor	42
• Imagem VI – Vista geral da exposição “ O Cantinho da Criação”	53

### **Índice de Slides**

• Slide 2 e 3 – Joaquim Rodrigo	36
• Slide 4 e 5 - Joaquim Rodrigo	37
• Slide 6 e 7 - Joaquim Rodrigo	37
• Slide 9 e 10 – Sarah Affonso	38
• Slide 11 e 12 - Sarah Affonso	39
• Slide 14 e 15 – José de Guimarães	39
• Slide 16 e 17 - José de Guimarães	40
• Slide 18 e 19 - José de Guimarães	41

### **Índice de Gráficos**

• Gráfico I – Análise do 1º Desenho	33
• Gráfico II – Análise da Produção do Objecto plástico	43

### **Abreviatura utilizadas:**

EVT – Educação Visual e Tecnológica

DGCEB – Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário

CNEB – Currículo Nacional do Ensino Básico

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

## Introdução

Se é certo que a sociedade portuguesa actual se caracteriza por uma crescente qualificação dos seus membros, também é verdade que as exigências e a competitividade do mercado de trabalho obrigam a respostas múltiplas, não formatadas e criativas, com vista à resolução de problemas. Nesse sentido, compete à escola não apenas o desígnio de ensinar mas, fundamentalmente, de criar situações de aprendizagem em que os alunos desenvolvam competências de autonomia, de sentido crítico e de responsabilidade, mas também de resolução criativa de problemas como forma de os preparar para uma sociedade em constante mudança.

A sociedade/escola encontram-se interligadas uma vez que a escola permite “abrir” caminhos e proporcionar experiências que contribuem para o desenvolvimento das competências necessárias à integração no futuro mercado de trabalho.

O interesse pessoal que deu origem a este projecto prende-se com estes dois factores: por um lado a consciência, enquanto professora, da necessidade de contribuir para o desenvolvimento dos alunos, nomeadamente da sua adequação às solicitações da sociedade e, por outro, a crença de que essas competências lhes serão úteis na resolução de problemas com que se confrontarão na vida profissional. É função da Escola, enquanto instituição, desenvolver e “promover a realização individual de todos os cidadãos, ... preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade.” (DGCE 1991: 13)

O Agrupamento de Escolas de Fazendas de Almeirim pauta-se pela necessidade de responder às mudanças sociais e pela inscrição dessa realidade no trabalho pedagógico que desenvolve com os alunos. Abrangendo uma população de 7 mil habitantes, procura dar resposta às solicitações/expectativas que a população local “deposita” na escola.

O projecto de que este relatório pretende dar conta foi implementado numa turma do 6º Ano do 2º Ciclo da Escola Básica 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim, uma escola situada no meio rural, na margem esquerda do rio Tejo, a 5 km de Almeirim, sede de Concelho e a 12 km de Santarém, capital de Distrito.

A localidade de Fazendas de Almeirim existe desde 1956, quando ainda era denominada “Charneca de Almeirim” e engloba mais duas zonas rurais, Marianos e Paço dos Negros. A sua actividade económica está ligada principalmente à agricultura, através da produção de vinho, da extracção de cortiça e das árvores de fruto. Predomina a pequena propriedade, daí o nome “Fazendas”. Para além da agricultura existem também pequenas empresas ligadas à construção civil, mecânica e serrações.

Fazendas de Almeirim encontra-se actualmente em processo de reorganização social devido à chegada de habitantes de várias zonas de Portugal e do estrangeiro (Brasil, Ucrânia e Roménia), o que comporta uma heterogeneidade populacional que, reflectindo-se na escola, afecta a sua composição sociológica tradicional.

As características rurais da sua população de origem e a actual diversidade populacional, muitas vezes de passagem e sem grande fixação à terra, dificulta o investimento dos Encarregados de Educação na formação pessoal, cultural e literária dos seus filhos, não valorizando a escola enquanto veículo para a promoção pessoal, profissional cultural e social.

Os elementos acima assinalados justificam um sobre investimento da escola e dos professores no sentido de colmatar algumas fragilidades do contexto.

Uma das competências gerais que os alunos deverão ter à saída da Educação Básica é: “Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa” (DGEBS, 1991), ou seja, devem desenvolver a capacidade efectiva de resolver problemas sem recurso a terceiros (devem conseguir tomar as suas próprias decisões), ter a obrigação de cumprir um dever que lhes foi designado, de forma responsável e de forma criativa, e devem ter a capacidade/aptidão para formular ideias novas.

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica que é leccionada no 2º ciclo estabelece “uma ponte entre o 1º e o 3º Ciclo”. Neste sentido, e tendo como suporte as finalidades da disciplina de EVT: “Desenvolver: a percepção; a sensibilidade estética; a criatividade; a capacidade de comunicação; ...; aptidões técnicas e manuais; ...” (DGEBS, 1991:197), desenvolveu-se o presente projecto. A partir da observação de obras de arte de pintores contemporâneos, pretendeu-se que os alunos utilizassem criativamente as propostas apresentadas para resolver problemas, criando uma nova linguagem plástica, produzindo novos objectos e desenvolvendo o seu potencial criativo.

Este projecto propôs-se a torná-los indivíduos mais aptos para enfrentar os desafios que vão surgir no seu percurso escolar e posteriormente no seu ingresso no mercado de trabalho.

A disciplina de Educação Visual e Tecnológica permite, através da sua organização, promover um espaço rico na exploração de actividades que desenvolvam a autonomia e a criatividade dos alunos. É considerada, por excelência, a área ligada à produção artística, quer se trate da produção de um simples desenho ou de uma construção tridimensional.

Este relatório desenvolve-se em três capítulos. No primeiro, procede-se ao enquadramento teórico que envolve a pergunta de partida, tendo sido definidos os seguintes objectivos:

#### Objectivos de Investigação:

- Compreender se a exploração da pintura contemporânea, na disciplina de EVT, contribui para o desenvolvimento de uma linguagem plástica criativa;
- Verificar se os alunos produzem um objecto plástico de acordo com as suas vivências.

#### Objectivos da Intervenção:

- Utilizar a Pintura Contemporânea como recurso educativo, para que os alunos criem um objecto plástico;
- Fomentar a aquisição de uma linguagem plástica própria.

No segundo capítulo, explicitam-se os procedimentos adoptados relativamente ao projecto e, no terceiro, descreve-se a acção realizada e analisam-se os dados recolhidos.

O projecto “Dar Lugar à Criação” permitiu desenvolver nos alunos, o gosto pela fruição/contemplação e fruição/realização, através da aplicação do activador criativo: “Leitura Recreativa de Imagens” desenvolvido por Martina Charaf sobre a coordenação de David Prado da Universidade de Santiago de Compostela em Espanha. Esta forma de produzir objectos, proporcionou aos alunos a criação de objectos plásticos, de forma autónoma com base nas suas vivências.

A exposição final “Cantinho da Criação” despertou o interesse da comunidade escolar, pouco habituada a este tipo de manifestações artísticas. Levou amigos e familiares, à escola para visualizar a exposição, despertando-lhes o interesse pelos

objectos plásticos expostos. Podemos verificar nos registos deixados no livro de presenças, comentários como “A exposição está muito gira, não sabia que o meu filho conseguia desenhar tão bem...”, “O 6ºB, está de parabéns...” ou “Precisamos de mais exposições como esta...”.

## Capítulo I - Enquadramento teórico

Mais do que acumular conhecimentos, interessa que o aluno compreenda a forma de chegar a estes conhecimentos: mais do que conhecer soluções para vários problemas, interessa o aluno interiorizar processos que lhe permitam resolver problemas.

É nesse sentido que se orientam as práticas actuais em educação: a autoformação futura do aluno e a sua independência na resolução dos problemas. (DGEBS, 1991: 205)

### 1.1. A Disciplina de Educação Visual e Tecnológica e o seu programa

A escola deve criar condições que favoreçam o desenvolvimento de uma relação de equilíbrio entre o pensamento convergente e lógico e o pensamento divergente ou intuitivo que, sendo complementares, fazem parte da formação integral do indivíduo (Rodrigues, 2006)

No âmbito da história do ensino das artes visuais em Portugal, principalmente no que diz respeito ao 2º Ciclo do ensino básico, a disciplina de Educação Visual e Tecnológica surgiu com a organização curricular para o ensino básico e secundário, Decreto – Lei nº 286/89 de 29 de Agosto, que funde as disciplinas de Educação Visual e a de Trabalhos Manuais.

Funcionou a nível experimental durante dois anos em algumas escolas piloto, com a reorganização curricular definida por Despacho nº 124/ME/91, de 31 de Julho e publicado em Diário da Republica, 2ª série, nº188, de 17 de Agosto de 1991, foram publicados os dois volumes que descrevem o programa da disciplina: Organização Curricular e Programas (volume I) e Plano de Organização do Ensino – Aprendizagem (volume II). O primeiro reúne as finalidades, objectivos, conteúdos, linha metodológica e critérios de avaliação; o segundo, contém um conjunto de propostas de trabalho, com vista a facilitar a tarefa de planificar do professor.

Numa breve análise a estes dois volumes, ficamos com a sensação de que o programa da disciplina, que determina os conteúdos e objectivos a alcançar e que constitui a ferramenta mais utilizada pelos professores na hora de fazerem as suas planificações, denota alguma “antiguidade”, isto é, parte do seu conteúdo baseia-se nos antigos programas de Trabalhos Manuais e Oficiais. A disciplina de EVT tem assim uma componente tecnológica que deriva das disciplinas atrás referidas, sobretudo nas áreas de exploração e na metodologia aconselhada.

## **1.2. Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais**

Com a publicação do documento Currículo Nacional do Ensino Básico e as Competências Essenciais, em 2001 (Decreto-lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro), é-nos dado a conhecer as competências específicas para cada área disciplinar ou disciplinas, e ainda os tipos de experiências que devem ser proporcionadas aos alunos.

Este currículo faz uma separação entre a educação tecnológica e educação visual, ou seja, a educação tecnológica aparece como uma área independente. A educação artística abrange as disciplinas de Expressão Plástica e Educação Visual; Expressão e Educação musical; Expressão Dramática/Teatro e Expressão Físico – Motora/Dança. A base deste documento tem como prioridade a integração de saberes no campo de acção das artes e através das artes visuais, contribuindo para o desenvolvimento humano, levando o individuo a envolver-se, a sentir, a agir e a conhecer-se.

Assim, segundo o currículo nacional:

As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formam a densidade ao ambiente e à sociedade em que se vive. A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e

como se interpretam os sinais do cotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflecte-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento. As artes permitem participar em desafios colectivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito de aprendizagem ao longo da vida. (CNEB 2001:149)

As competências específicas das disciplinas artísticas são comuns e percorrem os três ciclos do ensino básico tendo por finalidade o desenvolvimento da literacia em artes, segundo quatro eixos (CNEB, 2001:152):

- Apropriação das linguagens elementares das artes;
- Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;
- Desenvolvimento da criatividade;
- Compreensão das artes no contexto.

Podemos verificar que nestes quatro eixos existe uma referência clara à obra de arte, à sua relação com o sujeito e ao património artístico como elementos de valorização que devem ser conhecidos e experimentados. Assim como, levar o indivíduo à “exploração de diferentes formas e técnicas de criação e de processos comunicacionais; compreender as formas como os diferentes elementos artísticos interagem e desenvolver a capacidade de selecção e aplicação de técnicas no processo de criação artística” (CNEB, 2001:151).

As Artes ganham relevância no Currículo Nacional do Ensino Básico, levando ao desenvolvimento do sujeito através de três eixos estruturantes: fruição - contemplação, produção - criação e reflexão - interpretação. Assim e por uma questão metodológica a Comunicação visual e os Elementos da forma, são dois domínios das competências específicas que permitem articular estes três eixos que permitem o desenvolvimento das competências ao longo dos três ciclos.

Os documentos (Programa da disciplina – volume I e II e o Currículo Nacional do Ensino Básico) que servem de base ao desenvolvimento da disciplina de

Educação Visual e Tecnológica, quando comparados, permitem constatar que não há qualquer elemento comum, o que nos suscita alguma indefinição quanto à organização e planificação de actividades.

No entanto, e tendo em conta que o Currículo Nacional do Ensino Básico é o documento mais recente, seria de esperar que fosse este a orientar o processo de ensino aprendizagem, o que não acontece. Existe antes, uma desordem no domínio das diversas medidas legislativas aceites ao longo dos últimos anos no que respeita à educação artística.

Actualmente e em parceria com o Ministério da Educação, através da Direcção Geral da Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa foi publicado o projecto “Metas de Aprendizagem”<sup>1</sup> que na sequência do Desenvolvimento do Currículo Nacional planeado pelo Ministério da Educação em Dezembro de 2009, pretende identificar as competências e desempenhos esperados pelos alunos.

A publicação deste último documento, trouxe aos professores mais um documento de trabalho e vem criar expectativas para o futuro. Esperemos que estes conhecimentos confluam e passe a existir um único documento orientador onde exista uma preocupação pela literacia em artes.

---

<sup>1</sup> Instrumentos de apoio à gestão do currículo, que comprovam a realização das aprendizagens em cada área ou disciplina, assim como as aprendizagens transversais instituídas nos documentos curriculares em vigor.

### 1.3. Objecto

O ser humano, ao longo da história, atribuiu sempre um papel significativo ao objecto, seja ele artístico ou utilitário. Faz parte de uma criação que permite observar a identidade de uma sociedade em determinada época.

O Objecto pode revelar-nos aspectos/informações, quer sobre o seu autor, quer sobre a pessoa que o adquiriu, o seu possuidor, quer ainda sobre a sociedade a que pertencia ou pertence, alcançando também uma conotação social.

Está definido no dicionário<sup>2</sup> como substantivo masculino que provém do latim *Objectu*; coisa material; tudo o que afecta os nossos sentidos; aquilo de que se trata; assunto, matéria, questão, tema; fim, propósito, finalidade, fito; motivo, causa; alvo, destinatário; aquele ou aquilo que é afectado ou sofre de uma acção.

Para o desenvolvimento deste projecto, vamos considerar “objecto” o que está relacionado com “coisa material” e “aquele ou aquilo que é afectado ou sofre de uma acção; no entanto, e tendo em conta a construção de objectos neste projecto, podemos associá-lo à vertente filosófica, aquele “que é pensado, ou representado, enquanto distinto do acto pelo qual é pensado”<sup>3</sup> e ainda “aquilo cuja existência é considerada como independente do conhecimento que dele tem o sujeito pensante.”<sup>4</sup>

Assim, segundo Pilão (2010:5):

Um objecto é qualificado por um conjunto de propriedades, sendo estas características que o definem; transpostas para um conjunto de atributos, cujos valores estabelecem o estado do objecto. As propriedades encontram-se relacionadas com as operações que o objecto pode efectuar, nomeadamente a função que lhe está associada e com a identificação do objecto em particular num conjunto de objectos semelhantes, isto é, a sua forma; exemplificando, existem variadíssimas canecas, todas têm a função de lhe ser colocado um líquido no seu interior, mas as formas da própria caneca podem ser muito díspares.

---

<sup>2</sup> Dicionário online da Porto Editora

<sup>3</sup> Idem

<sup>4</sup> Idem

### **1.3.1. Objecto Plástico**

Um objecto é sempre algo criado pelo homem, seja ele utilitário ou artístico, no entanto, adquire uma ou outra função de acordo com a perspectiva com que é validado. É disso exemplo o urinol, de Marcel Duchamp, que adquiriu uma transformação deixando de ter uma função utilitária para dar lugar a uma função estética. Tornou-se num objecto artístico porque foi validado como tal, emergindo nesse objecto um outro significado, poético e simbólico.

O objecto, para ser considerado artístico terá que ser avaliado por alguém pertencente ao mundo da Arte, este é o ponto fulcral onde podemos distinguir o que é objecto artístico e objecto plástico. Quando um produto final é o resultado de um processo criativo que envolve a simbologia, a poética e o peso de significados provenientes da relação entre o objecto e o seu criador, mas não é validado por alguém pertencente ao mundo da Arte, poderá ser analisado como um objecto plástico ou de expressão plástica.

No ensino, com a publicação das competências essenciais da Educação Artística, podemos encontrar várias referências ao objecto plástico, como fazendo parte do desenvolvimento do indivíduo.

O termo objecto plástico foi o adoptado neste projecto, porque não se trata de nenhum objecto validado por alguém do mundo das artes. O aluno, ao desenvolver o seu objecto plástico de acordo com as suas vivências, deve utilizar os conhecimentos e o método que o professor indicou, isto é, partir das obras observadas de artistas contemporâneos, realizar/criar o seu objecto, apelando à sua imaginação e criatividade. A consolidação das aprendizagens pode ser verificada pela qualidade do produto final.

## 1.4. Aprendizagem e Aplicação dos Activadores Criativos

A escola que se limita a ensinar o que os alunos já sabem é inútil. (Lev Vygotsky, 1999:316)

Los activadores creativos son básicamente estimuladores eficazes para desencadenar de modo fácil y operativo diversos procesos y actividades divergentes, innovadores e inventivas, que de un modo nuevo y original fomentan la utilización de todo el cerebro” (Diez, 1998).

O desenho infantil é uma das primeiras manifestações que a criança utiliza para se exprimir e comunicar. Torna-se, assim, um meio privilegiado de que os professores dispõem para conhecer os alunos. O docente deve preparar/desenvolver actividades que permitam aos seus alunos produzir objectos que demonstrem a sua forma de ver o que os rodeia, sem reprimir ou comentar o que estão a desenhar, mas orientando-os.

Partindo da obra de Vygotsky<sup>5</sup> (Veloso, 2009), “A imaginação e a Arte na Infância”, escrita há mais de 80 anos e que continua actual, pois aborda a imaginação artística, o produto criativo nas crianças, conseguimos ter uma visão de como o processo criativo pode ser utilizado no ensino.

Ainda segundo Vygotsky (Idem, 2009), o desenvolvimento de aprendizagens orientadas para níveis que já foram atingidos é ineficaz porque não contribui para um salto evolutivo do aluno, isto é, não existe interacção entre o aluno, o objecto e outros sujeitos (colegas ou professor). Deve antes considerar-se:

---

<sup>5</sup> Lev Vygotsky nasceu na Rússia, em 1896. Foi o fundador da corrente histórico-cultural da psicologia. Faleceu em 1934 com 36 anos, vítima de tuberculose.

Nos 10 anos em que esteve à frente do Instituto de psicologia de Moscovo, redigiu 180 trabalhos que restabeleceram à psicologia a denominação de ciência. Lutou contra o regime vigente, resistiu aos dogmas reducionistas da época, a Reflexologia de Pavlov e foi perseguido por Stalin, porque os seus estudos transculturais demonstravam que a ideologia do Homem Soviético era uma utopia ideológica.

(...) a ZDP (zona de desenvolvimento potencial) – a distância entre o nível actual de desenvolvimento (determinado pelo que a criança é capaz de fazer sozinha) e o nível de desenvolvimento potencial (determinado pelo conjunto de actividades que a criança é capaz de realizar com a ajuda de um adulto ou com a colaboração de colegas mais velhos ou mais capazes) – possibilita uma aprendizagem mais eficaz e pode conduzir a um avanço de nível, pois a criança fará amanhã sozinha aquilo que hoje faz com ajuda.

O conceito de ZDP sintetiza a ideia de desenvolvimento como apropriação e interiorização de instrumentos proporcionados por agentes culturais de interacção (os mediadores). (Irra, 2009: 47).

A ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal, baseia-se na:

“...distância que medeia entre o nível actual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade actual de resolver problemas individualmente e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com os pares mais capazes”. (Fino, 2001).

Assim, através das ferramentas para desenvolver essas aprendizagens, ou seja, linguagem e do contexto cultural, os educadores prepararam/concretizam tarefas de ensino que potenciam o conhecimento através da prática pessoal numa actividade<sup>6</sup>. O professor é mediador entre o aluno e os objectos e entre o aluno e os seus pares.

Tanto Vygotsky como Piaget têm uma visão construtivista, ou seja, só ocorrem aprendizagens significativas quando existe interacção entre o sujeito, o objecto e outros sujeitos, sejam eles colegas ou professores.

Como a imaginação e a criatividade estão presentes em todos os seres humanos e podem ser “alimentados” através de diferentes métodos (produção

---

<sup>6</sup> A actividade antecede o conhecimento e é intercedida de processos culturais (Linguagem, utensílios, tecnologia, meios comunicação e convenções).

literária, teatro ou desenho). Neste projecto e para fomentar uma clara interacção entre os alunos e os seus pares, utilizamos os Activadores Criativos<sup>7</sup>, mais propriamente o activador criativo “Leitura Recreativa de Imagens”. Desenvolvido por Martina Charaf (1998), pretende facilitar aos alunos a criação dos seus objectos plásticos através da interacção com as imagens das obras de arte, imaginando as situações representadas de acordo com os seus conhecimentos e vivências, dando-lhes novas intepretações/representações.

David Prado Diez lançou em 1995 o livro: “Imaginação Criadora” em que a criatividade surge como ponto central do desenvolvimento da sociedade; defende que durante a vida escolar é imprescindível que o professor contribua para o desenvolvimento desse processo criador, capaz de produzir conhecimento e contribuir para a formação de auto-imagem e auto – estima positiva do aluno. Em 1998, com a publicação do livro “10 Activadores Criativos”, David Prado tem por finalidade indicar vários métodos para desenvolver essa capacidade criadora das pessoas. Aborda um conjunto de dez activadores que quando utilizados devem ter em conta os objectivos e o contexto em que vai ser aplicado, porque:

En cada activador habrás de poner con tus propias ideas su justificación, sus objetivos y sus etapas y dedicar un amplio espacio a las aplicaciones varias con todas las ideas y detalles que se te hayan ocurrido, ahí como los productos y obras derivadas. (Diez, 1998:25).

O quadro I descreve resumidamente os dez activadores criativos, os seus objectivos e formas de aplicação na Educação e na Arte. Os autores que aparecem associados ao activador criativo (coluna 1 do quadro) são os investigadores que os aplicaram/experimentaram no campo, escolar; artístico e profissional.

---

<sup>7</sup> São estimuladores eficazes para desenvolver processos de actividade divergente, inovadora e criativa, que contribuem para o desenvolvimento pessoal, isto é, o processo de pensar, imaginar e criar novas ideias. Estes activadores foram desenvolvidos e coordenados por David Prado em parceria com professores e alunos da Universidade de Santiago de Compostela, durante vários anos.

**Quadro I - Activadores Criativos, (Baseado na obra David de Prado Diez.1998).**

Activadores Criativos	Objectivos	Aplicação na Educação e Artes
<p>Turbilhão ou redemoinho de Ideias,</p> <p>Por: VÁZQUEZ, Raquel Taboada</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Fomentar a liberdade de expressão;</li> <li>➤ Desinibição na relação em grupo e interpessoal (clima de liberdade, de expressão de respeito, tolerância)</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Os alunos em debate revelam as suas opiniões/ideias pessoais sobre o tema em estudo;</p> <p><u>Na arte:</u> Procurar o número de variantes sobre determinado tema e tentar encontrar soluções diferentes.</p>
<p>Busca de Interrogatório...</p> <p>Por: SEXTO, Maria Del Carmen</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Estimular a capacidade de descoberta;</li> <li>➤ Indagação/perguntar sobre um tema.</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Ensinar os alunos a formular perguntas divergentes e respondê-las, tentando criar algo novo, original e único.</p> <p><u>Na arte:</u> Procurar o número de variações sobre determinado tema e tentar encontrar soluções novas e diferentes, como por exemplo uma escultura.</p>
<p>Decomposição de Frases</p> <p>Por: FERNÁNDEZ, Rosa M<sup>o</sup> Cazón e PEREZ, Paula Vázquez</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Decompor frases: fomentar a análise e revisão dos processos que facilitam a fluência de pensamento e expressão.</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Trabalhar com as “expressões verbais típicas” ou populares; Decompor, desconstruir, escrever, descrever, inscrever. Criando novas “frases inspiradoras”;</p> <p><u>Na arte:</u> Desenvolver a fluência mental e verbal, facilitando a criação.</p>
<p>Análise Recreativa de Textos</p> <p>Por: VÁSQUEZ, Mónica Rodríguez</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolver o processo de leitura levando o sujeito a criar novo texto.</li> <li>➤ Estimular a autonomia linguística;</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> A partir de textos existentes, dos capítulos, parágrafos, frases, títulos, criar e recriar novas propostas para a leitura. Melhorar a forma de escrever, produzindo, por exemplo poesia.</p> <p><u>Na arte:</u> Desenvolver a criação literária.</p>

<p>Leitura Recreativa de Imagens</p> <p>Por: CHARAF, Martina</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolver o pensamento visual;</li> <li>➤ Familiarizar-se com a linguagem plástica e compreender as mensagens e informação que ela transmite;</li> <li>➤ Transformar a mensagem e seu veículo visual em expressão verbal e em novos desenhos.</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Recorrendo a imagens (quadros, fotografias, filmagens), ampliar as possibilidades de leituras, associações livres e interpretações dessas imagens; Partindo de um tema, produzir novas imagens decompondo-as tendo em conta a sua apreciação individual;</p> <p><u>Na arte:</u> Possibilidade de transformar uma imagem, numa escultura com volume; Desenvolver a criatividade e a experimentação (também pode ser utilizado como na educação, para desenvolver a criatividade individual)</p>
<p>Solução Criativa de Problemas</p> <p>Por: FERNÁNDEZ, Julio Fernández</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Descobrir, planejar e resolver problemas, adaptando-se à realidade;</li> <li>➤ Procurar soluções / novas ideias na medida do possível.</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Utilizado para a melhoria dos espaços escolares, da sala de aula. Procurar soluções para resolução de problemas da comunidade envolvente;</p> <p><u>Na arte:</u> Esta mais direccionado para a literatura, podendo ser aplicado para escrever um conto para um concurso.</p>
<p>Analogia Inusual</p> <p>Por: REY, Elena Fernández</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Desenvolver a associação lógica de fenómenos diferentes.</li> <li>➤ Criar uma curiosidade permanente que fomenta a compreensão, comparação, crítica e o poder de síntese.</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Explorar festas populares, associadas às vivências dos alunos; Criar cartazes para anunciar essas festas ou arraiais.</p> <p><u>Na arte:</u> Procurar relacionar aspectos típicos de determinada região com a realização das criações.</p>

<p>Metamorfose total ou parcial de um Objecto</p> <p>Por: DÍEZ, David Prado</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Visualizar e estimular a fantasia e o pensamento visual;</li> <li>➤ Flexibilização transformativa e agilidade frente ao processamento da realidade</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Estimular a acção de intervenção criativa do sujeito sobre o que lhe ocorre, numa perspectiva de transformação e mudança; formulação de perguntas divergentes.</p> <p><u>Na Arte:</u> Transformar quadros já existentes, modificando-lhes as cores; Construir esculturas recorrendo a materiais reciclados, etc.</p>
<p>Projecto Vital</p> <p>Por: AREAS, Almudena Blanco</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Familiarizar o sujeito com uma prática sistemática que integre: idealizar, planejar, desenhar e executar pequenos projectos pessoais.</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Estimular projectos que tenham como objectivo o benefício próprio ou da sociedade. Desenvolver tarefas de voluntariado na sociedade envolvente, reformulando, reprogramando e redefinindo conceitos e atitudes.</p> <p><u>Na arte:</u> Reformular, reprogramar, redefinir conceitos, atitudes, criando novas propostas.</p>
<p>Jogo Linguístico</p> <p>Por: GUERRERO, Carmela</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Encontrar novos e diversos significados de palavras;</li> <li>➤ Romper a rigidez estrutural e significativa da palavra: flexibilidade semântica e morfológica das palavras;</li> <li>➤ Enriquecer a linguagem</li> </ul>	<p><u>Na educação:</u> Ampliar os recursos da linguagem como forma de comunicação; Jogar com os “significantes e significados” das palavras e frases.</p> <p><u>Na arte:</u> tem aplicações a nível da expressão musical, através da transformação da letra de uma música.</p>

No quadro anterior subresai a cor verde o "Activador Leitura Recreativa de Imagens" desenvolvido por Martina Charaf. Este activador foi seleccionado para o projecto que está a ser apresentado neste relatório. Desenvolve a capacidade expressiva dos alunos na realização dos seu objectos plásticos. Como é sabido, os produtos visuais, como a publicidade, os videos ou as obras de arte, têm a capacidade de transmitir situações que activam o processo criativo levando os alunos a expressar as suas ideias numa linguagem plástica pessoal.

Os objectivos deste activador, segundo Martina Charaf (1998:140), são:

1. Familiarizar-se com a linguagem plástica, qualquer que seja a sua manifestação, a fim de compreender as mensagens e informações contidas.
2. Aguçar a percepção, com o fim de encontrar mais de uma mensagem, contida na imagem de uma história ou informação.
3. Evocar as imagens mais próprias e autênticas, com o fim de expressar situações e realidades pessoais.
4. Transformar, a partir de técnicas de expressão plástica (colagem, fotomensagem, trabalhar com distintos materiais, jogar com as cores etc) a mensagem e seu veículo visual em novos e originais desenhos e temas (recreação).
5. Fundir texto escrito e visual, expressando, através de recursos literários (texto, diálogo, poesia, jogos linguísticos, adivinhações, acrósticos, refrões etc), o conteúdo de uma imagem.

Assim, para desenvolver o processo de trabalho com o "Activador Leitura Recreativa de Imagens", seguem-se os seguintes passos (Charaf, 1998:141):

- a) Selecção do tema: um quadro, uma fotografia, um anúncio publicitário, um sonho, etc.
- b) Descrever, de forma objectiva e detalhada, todos os elementos que integrem a imagem seleccionada: cores, formas, textura, espaço, época, ambiente etc. Analisa-se cada elemento encontrado.
- c) Buscar a mensagem central, explicitando e descrevendo verbalmente o tema ou situação que a imagem transmite.

- d) Visão subjetiva, inferencial: refletir sobre o sentido subjetivo e pessoal que pode ter a imagem selecionada.
- e) Expressão recreativa e transformadora: consiste na interação e intervenção sobre a imagem: agregar, desordenar, recortar, combinar, modificar, transformar ou que queira, conforme o objetivo particular.

E ainda, “É...aconselhável que sejam facultados às crianças grandes espaços de suporte...” (Telmo, 1991), para que desenvolvam o seu grafismo, “para que possam expressar de forma livre, os seus desenhos, podendo pintar e repintar sem a preocupação de ser definitivo”. (idem, 1991). Como refere Piaget (*in* Sprinthall, 1993, citado por Irra, 2009) as crianças constroem o conhecimento através das suas acções: compreender é inventar. Mas, embora este autor não negue o papel do meio social na construção do conhecimento, coloca a ênfase na herança biológica.

Para Lowenfeld (citado por Leite e Malpique, 1986) as actividades criadoras na escola podem acontecer em qualquer espaço:

(...) desde que as crianças tenham a possibilidade de se exprimir pela pintura, desenho, modelação e construção, ajudadas por um educador compreensivo, atento, que não lhes impeça a natural capacidade de se exprimirem através de actividades. A pintura tanto se pode fazer sobre o chão e sobre a mesa, como no cavalete ou na parede. O papel, branco ou de cor muito clara, deverá ter dimensões de 45 X 60 cm, 30 X 45 cm, mas nunca menores. As taças para as tintas podem ser improvisadas: frascos, latinhas, copos...que são usados individualmente ou por um pequeno grupo. (Irra, 2009).

O desenho foi utilizado pelos alunos como ponto de partida para exprimir os seus modos de ver e sentir o mundo envolvente.

## Capítulo II - Estudo Empírico

A investigação educacional tem conhecido um grande incremento, no plano internacional, desde a década de setenta... tem crescido a um ritmo constante, transformando o *campo da educação* num dos principais espaços sociais de produção de saberes e de conhecimentos ... A situação portuguesa não foge a regra... A difusão das novas perspectivas de investigação em educação coincidiu, ... com um período de reforma educativa e com um esforço para organizar dispositivos de formação contínua de professores. (António Nóvoa, 1995: 1 e 2)

### 2- Metodologia

O projecto desenvolvido é de carácter pedagógico e foi aplicado em contexto de sala de aula, permitindo à professora agir ao mesmo tempo que investiga. Optou-se pela metodologia de Investigação – Acção porque proporciona ao professor/investigador, interessado e preocupado em introduzir mudanças na sua prática lectiva, fazê-lo através de uma experiência vivenciada e reflectida.

As origens do termo investigação – acção reportam-se a Kurt Lewin que o utilizou pela 1ª vez num artigo intitulado “Investigação – Acção e problemas das minorias” (Lewin, 1947, citado por Natércio, 2010). Podemos, no entanto, encontrar várias definições para esta metodologia entre as quais a de Cohen e Manion (1994:192, citado por Bell, 2008:20):

Um procedimento essencialmente *in loco*, com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (isto é, numa situação ideal), durante períodos variáveis, através de diversos mecanismos (questionários, diários, entrevista e estudos de casos, por exemplo), de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos, mudanças de direcção, redefinições, de acordo

com as necessidades, de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso.

E ainda, a de John Elliott (citado por Bell, 2008:21):

A sua finalidade é estimular a capacidade de ajuizar de forma prática em situações concretas, e a validade das «teorias» ou hipóteses que gera depende não tanto de testes «científicos» de veracidade, como da sua utilidade na tarefa de ajudar as pessoas a agir de forma mais inteligente e hábil. Na investigação – acção, as «teorias» não são validadas independentemente e em seguida aplicadas à prática. São validadas através da prática.

A Investigação – Acção foi utilizada neste projecto de pesquisa, dando à educadora/investigadora a oportunidade de se questionar acerca do trabalho que ia desenvolvendo o que permitiu mobilizar estratégias no sentido da sua adequação para o sucesso do ensino – aprendizagem. Acompanharam-se de muito perto e analisaram-se as evoluções dos alunos e o modo como desenvolveram a sua expressão plástica, de forma a produzir o objecto plástico de acordo com as suas vivências.

## **2.1. Vantagens e Desvantagens**

A principal vantagem na utilização deste método, tem a ver com o carácter flexível que permite uma constante reflexão/avaliação dos diferentes momentos da planificação que o professor realiza.

Assim, o professor durante a implementação do projecto pode ir introduzindo modificações à medida que vai reflectindo e compreendendo as estratégias que está a aplicar. Outra das vantagens, é a implicação de todos os envolvidos no projecto, o que pressupõe um maior empenho.

Como desvantagem, podemos encontrar algumas fragilidades ao nível da duplicidade de papéis, isto é, quem aplica o projecto é também o seu investigador,

que podem traduzir um défice de objectividade se o investigador não conseguir manter o distanciamento do objecto de estudo que está a desenvolver.

## **2.2. Contexto da Investigação**

A investigação foi realizada em contexto escolar, isto é, na Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim, situada na localidade com o mesmo nome. O seu raio de acção abrange as localidades Marianos e Paço dos Negros. A escola é sede de agrupamento englobando quatro escolas do 1º Ciclo e quatro Jardins de Infância.

A turma envolvida nesta investigação e sobre a qual foram recolhidos os dados para análise, foi uma turma do sexto ano na disciplina de Educação Visual e Tecnológica. Fazem parte da turma 9 elementos do sexo feminino e 11 do sexo masculino, perfazendo um total de vinte elementos, cujas idades rondam os 11 e os 13 anos.

Nesta investigação, contou-se com o apoio da professora, par-pedagógico, ajudando na recolha e preenchimento dos instrumentos de recolha de dados.

## **2.3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados**

De acordo com a metodologia Investigação – Acção, foram recolhidos dados documentais e não documentais, permitindo albergar um maior número de informações de forma a responder às questões levantadas pela investigação.

### **2.3.1. Documentais**

Os dados documentais têm a vantagem de “fornecer elementos informativos indirectos à pesquisa...” (Almeida e Pinto, 1995), através de uma infinidade de

documentos que podemos encontrar em bibliotecas, internet, imprensa. Têm baixo custo e o tempo gasto na sua obtenção é reduzido.

A análise documental foi uma das técnicas implementada nesta investigação, porque partindo da análise de documentos já existentes, como: Projecto Curricular de Turma e Projecto Educativo da Escola, foi possível contextualizar o universo dos alunos que participam nesta investigação/intervenção.

Por fim, consultou-se o Programa da disciplina de Educação Visual e Tecnológica e Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais, contextualizando a área de intervenção, a disciplina de Educação Visual e Tecnológica.

Esta técnica reveste-se da maior importância na fundamentação da investigação e na recolha de dados, pois permite comparar o que foi obtido com outros estudos já desenvolvidos.

## **2.3.2. Não Documentais**

### **2.3.2.1. Observação Directa – Participante**

A observação directa serviu para captar “os comportamentos no momento em que eles se produzem em si mesmo, sem mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy e Campenhoudt, 2008: 196, citados por Bell, 2008:162).

As principais vantagens, segundo Bell (2008:199), são:

- A apreensão dos comportamentos e dos acontecimentos no próprio momento em que se produzem.
- A recolha de um material de análise não suscitado pelo investigador e, portanto, relativamente espontâneo.
- A autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos.

A investigadora/professora integrou o grupo e observou/analisa globalmente o grupo/turma, captou os comportamentos naturais dos alunos e as suas relações interpessoais.

A professora que faz par pedagógico com a professora investigadora colaborou na recolha de dados, como informante privilegiada, através da observação exterior ao projecto. Estes dados serviram para complementar as notas produzidas, reduzindo a influência subjectiva e parcial da investigadora.

### **2.3.2.2. Notas de Campo/Grelhas de observação**

Na observação directa participante utilizaram-se notas de campo que permitiram registar as interacções entre os alunos e alunos/professoras, no decurso do projecto, dando uma noção cronológica através do descritivo das acções e conversas que iam acontecendo durante as aulas.

Este acto de observar foi estruturado por uma grelha de observação (Apêndice V), permitindo ao investigador definir objectos de observação de acordo com a sua pesquisa.

As grelhas são vantajosas para proceder à interpretação de dados, ajudando a compreender o contexto onde decorre a investigação com os elementos que nele se movimentam, assim como as suas interacções.

Tanto as notas de campo como as grelhas de observação foram preenchidas no final de cada aula, da primeira à última fase do projecto, de forma a registar as interacções entre os alunos, as suas partilhas, as suas opiniões e a sua entreaajuda, assim como o decorrer da execução do objecto plástico.

### **2.3.2.3. Registos fotográficos/áudio visuais**

Foram realizadas gravações de áudio e vídeo, como forma de registar dados relevantes sobre as actividades, recursos e tarefas desenvolvidos na sala de aula, assim como das atitudes e partilha de experiências.

Estes registos serviram de ajuda no preenchimento das grelhas de análise e observação contribuindo para um registo exacto das intervenções dos alunos nas

actividades desenvolvidas, como o 1º desenho, a projecção do PowerPoint sobre pintores contemporâneos portugueses e a realização do objecto plástico.

Tanto os registos áudio vídeo como os registos fotográficos, permitiram traçar uma sequência cronológica das etapas do projecto e possibilitaram ao investigador a transcrição correcta e fidedigna dos factos, que serviram para análise a *posteriori*, ajudando no acto de reflexão cronológica sobre a forma como interveio na investigação e ao mesmo tempo sobre a sua prática lectiva.

Estas diferentes técnicas de recolha (notas de campo, grelhas de observação e os registos fotográficos/áudio visuais) permitiram observar o mesmo facto através de diferentes instrumentos de recolha e contribuíram para a clarificação da informação recolhida; elas complementam-se e clarificam a problemática da investigação.

#### **2.3.2.4. Trabalhos Produzidos pelos alunos:**

##### **1º Desenho/Objecto Plástico**

Numa primeira fase os alunos produziram desenhos sobre diferentes temáticas, que tinham a ver com situações vivenciadas; esses trabalhos foram utilizados para verificar o nível de envolvimento individual dos alunos na actividade.

O objecto plástico serviu, tal como o desenho inicial, para verificar o nível de envolvimento dos alunos, assim como a apropriação dos conhecimentos transmitidos.

Para estas actividades foram mantidas as distribuições dos alunos pelas filas, conforme habitual na disciplina.

## Capítulo III – Descrição do Projecto

### 3. Análise dos dados recolhidos durante o projecto

Todo o poder criador extingui-se-á no dia em que a criança perguntar ao adulto como é preciso ver as coisas e como é preciso representá-las. (in H. Wallon, 1968, citado por A.B. Sousa, 2003)

#### 3.1. Procedimentos:

Os procedimentos associados a este projecto de investigação, adquirem acuidade redobrada quando nele estão envolvidas crianças ou jovens. Sendo menores, requerem que seja solicitada uma autorização aos encarregados de educação. Por outro lado, uma vez que a actividade se desenrolou em contexto de sala de aula, foi também necessária a devida autorização dos órgãos directivos da escola e colega par pedagógico.

Neste caso, para além de termos dado a conhecer aos alunos a actividade que íamos desenvolver, a finalidade e os objectivos do trabalho, estes foram também informados da forma como iam ser obtidas algumas informações. Isto é, sabiam que iria existir uma câmara de vídeo na aula para gravações áudio/vídeo e as professoras durante todo o processo iriam tirar fotografias dos trabalhos e notas de campo para futura reflexão crítica. Tivemos o cuidado de enviar aos pais e encarregados de educação uma carta na qual, a par da informação e objectivos do trabalho, lhes foi pedido o seu consentimento para recolher/registar imagens e som, bem como fotografar os trabalhos dos seus filhos e educandos. Todos os pais e encarregados de educação deram o seu consentimento relativamente ao registo de imagens e som, assim como ao registo fotográfico dos trabalhos produzidos pelos alunos. No entanto, por razões éticas, optou-se por ocultar os seus nomes.

### 3.2. Descrição do Projecto

O projecto “Dar Lugar À Criação” foi aplicado no ano lectivo 2010/2011, durante o primeiro período, mais especificamente entre Novembro de 2010 e Fevereiro de 2011, englobando dez aulas de noventa minutos (11 de Novembro a 15 de Dezembro de 2010) e cinco semanas de exposição dos trabalhos finais (12 de Janeiro a 16 de Fevereiro de 2011).

Foi desenvolvido em contexto de sala de aula pela turma B do 6º Ano do 2º Ciclo da Escola Básica 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim e pretendeu responder à pergunta de partida: *Como podem os alunos através do recurso à pintura contemporânea, produzir objectos plásticos com base nas suas vivências?*

As variáveis a ter em conta neste estudo, referem-se à capacidade que os alunos demonstram na realização/criação de um objecto plástico que tenha como base as suas vivências pessoais e pretendem dar resposta aos objectivos de investigação, nomeadamente:

- Compreender se a exploração da pintura contemporânea, na disciplina de EVT, contribui para o desenvolvimento de uma linguagem plástica criativa;
- Verificar se os alunos produzem um objecto plástico de acordo com as suas vivências.

Para isso, definimos como objectivos de intervenção:

- Utilizar a Pintura Contemporânea como recurso educativo, para que os alunos criem um objecto plástico (através da utilização do activador criativo “Leitura recreativa de imagens” de Charaf);
- Fomentar a aquisição de uma linguagem plástica própria (levando os alunos a experimentar diferentes materiais).

O activador criativo desenvolvido por Martina Charaf (1998) foi utilizado como veículo facilitador para a representação pessoal das vivências, a disciplina de EVT como facilitadora dessa experiência.

A intervenção em contexto de sala de aula desenvolveu-se em três fases, dando origem à Unidade de Trabalho: “Dar Lugar à Criação”.

### **3.2.1. Primeira Fase do Projecto**

Nesta primeira fase, os alunos realizaram um desenho com um tema pré-definido que serviu para ver o nível de empenho e envolvimento na actividade e a facilidade com que desenvolviam a temática da sua fila. Estes temas eram de carácter aberto, permitindo um grande número de interpretações e levando os alunos intervencionados a seleccionar o que iam representar tendo em conta as suas vivências pessoais.








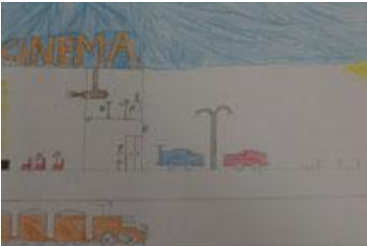
Os temas para a realização do desenho foram distribuídos pelas três filas existentes na sala de Educação Visual e Tecnológica: Fila 1 (uma viagem; uma cidade/local); Fila 2 (uma amizade; uma actividade do dia-a-dia; uma actividade lúdica) e Fila 3 (um acontecimento histórico; uma personagem histórica ou uma visita de estudo).

A professora quando lançou a actividade referiu aos alunos que podiam utilizar qualquer tipo de material ou técnica que conhecessem na execução dos seus desenhos e ainda, caso terminassem o desenho solicitado antes do fim da aula, poderiam realizar outro desenho com a temática da fila à sua direita.

Seguidamente apresentam-se os resultados obtidos com esta actividade, por filas e por aluno.

Quadro II – Desenhos realizados na fila 1

Temas do desenho: 1 Uma viagem; uma cidade/local



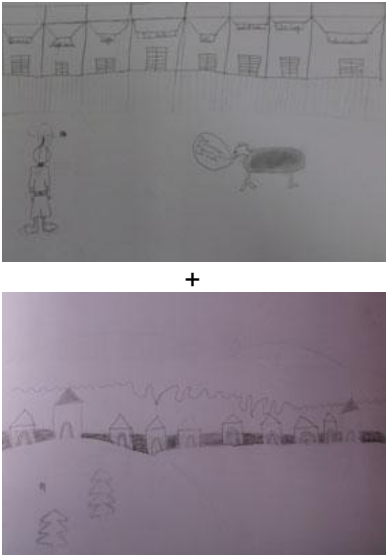

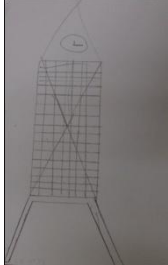
<p>Aluno A</p>  <p>1ª Tentativa</p> <p>+</p>  <p>2ª Tentativa</p>	<p>Material: Riscadores (canetas de feltro + lápis de grafite)</p> <p>+</p> <p>Material: Riscadores (lápis de grafite)</p>	<p>Aluno C</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>
<p>Aluno H</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite)</p>	<p>Aluno J</p> 	<p>Material: Riscadores (canetas de feltro)</p>
<p>Aluno K</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>	<p>Aluno L</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>
<p>Aluno Q</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>		




Na fila 1 – podemos verificar que os alunos utilizaram na sua maioria lápis de cor ou grafite para decorar os seus desenhos, não tendo a preocupação de utilizar correctamente a técnica. Limitaram-se a preencher os espaços em branco.

O aluno A e H apresentam muita dificuldade em iniciar o desenho. O A ainda conseguiu terminar a 2ª tentativa, apesar dos espaços deixados em branco. O H, limitou-se a utilizar a grafite para preencher alguns espaços do corpo do guerreiro que desenhou.

### Quadro III – Desenhos realizados na fila 2

Temas do desenho: Uma amizade; uma actividade do dia-a-dia; uma actividade lúdica

<p>Aluno E</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + canetas de feltro)</p>	<p>Aluno F</p> 	<p>Material: Riscadores (canetas de ponta fina + lápis de cor)</p>
<p>Aluno G</p>  <p style="text-align: center;">+</p>	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite)</p>	<p>Aluno M 1ª Tentativa</p>  <p style="text-align: center;">+</p>  <p style="text-align: right;">2ª Tentativa</p>	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cera)</p> <p style="text-align: center;">+</p> <p>Material: Riscadores (lápis de grafite)</p>





<p style="text-align: center;">Aluno P</p> 	<p>Material: Riscadores (canetas de feltro + lápis de grafite)</p>	<p style="text-align: center;">Aluno S</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>
<p style="text-align: center;">Aluno T</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>	<p>Na fila 2 – Podemos observar que houve uma maior diversidade de materiais utilizados. No entanto, os alunos limitaram-se à utilização de riscadores.</p>	

O aluno M, apesar de ter experimentado os lápis de cera, fez duas tentativas para fazer o desenho solicitado. O primeiro desenho que realizou é uma “cópia” do desenho do aluno E; o segundo é uma tentativa para realizar um desenho idêntico ao do aluno T.

O aluno G, como esteve grande parte da aula a observar o que os colegas estavam a fazer, não conseguiu realizar a actividade em tempo útil, pois queria que alguém lhe fosse dar ideias sobre o que devia desenhar. Acabou por fazer duas tentativas mas não concluiu nenhuma delas.

Quadro IV – Desenhos realizados na fila 3

Temas do desenho: Um acontecimento histórico; uma personagem histórica ou uma visita de estudo







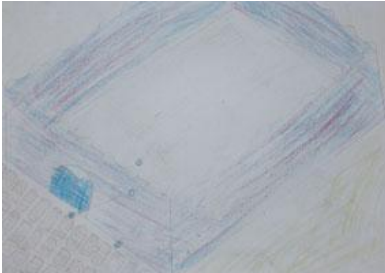
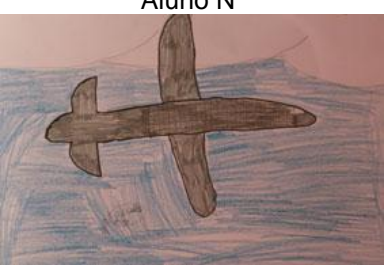
<p>Aluno B</p> 	<p>Material: Riscadores (canetas de feltro + lápiz de grafite)</p>	<p>Aluno D</p> 	<p>Material: Riscadores (lápiz de grafite + lápiz de cor)</p>
<p>Aluno I</p> 	<p>Material: Riscadores (canetas de feltro + lápiz de grafite)</p>	<p>Aluno N</p> 	<p>Material: Riscadores (lápiz de grafite + lápiz de cor)</p>
<p>Aluno O 1ª Tentativa</p>  <p style="text-align: center;">+</p>  <p>2ª Tentativa</p>	<p>Material: Riscadores (lápiz de grafite + lápiz de cor)</p> <p style="text-align: center;">+</p> <p>Material: Riscadores (lápiz de grafite)</p>	<p>Aluno R</p> 	<p>Material: Riscadores (lápiz de grafite + lápiz de cor)</p>

Na fila 3 foram novamente utilizados os riscadores, em especial os lápis de cor e grafite

Verificou-se que o aluno Q, teve muitas dificuldades para transmitir o que queria representar, tendo recorrido no 1º desenho ao diálogo e no 2º não conseguiu

explicar o que estava a representar, deixando-o inacabado. Nesta fila só este aluno demonstrou hesitações/dúvidas em representar as suas ideias.

Quadro V – Desenhos dos alunos que fizeram dois temas, realizaram desenhos de outras filas (2 desenhos)

<p>Aluno R</p> 	<p>Fila 3 desenho da fila 1 Material: Riscadores (lápis de grafite)</p>	<p>Aluno P</p> 	<p>Fila 1 desenho da fila 2 Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>
<p>Aluno B</p> 	<p>Fila 3 desenho da fila 1 Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>	<p>Aluno S</p> 	<p>Fila 2 desenho da fila 3 Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>
<p>Aluno I</p> 	<p>Fila 3 desenho da fila 1 Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>	<p>Aluno J</p> 	<p>Fila 1 desenho da mesma fila com experimentação da técnica de aguada com guache Material: Técnica da aguada com base guache</p>
<p>Aluno L</p> 	<p>Fila 1 desenho da fila 3 com experimentação da técnica de aguada com guache Material: Técnica da aguada com base guache</p>	<p>Aluno N</p> 	<p>Material: Riscadores (lápis de grafite + lápis de cor)</p>

Os alunos J e L foram os únicos a utilizar a técnica de decoração diferente “aguarela” (aguada, através da incorporação de água no guache, tornando-o mais liquido). No entanto, esta experimentação não foi bem conseguida pelo aluno L, pois

antes de utilizar a técnica atrás referida, também utilizou riscadores o que fez com que em parte do desenho não seja perceptível o que lá está representado.

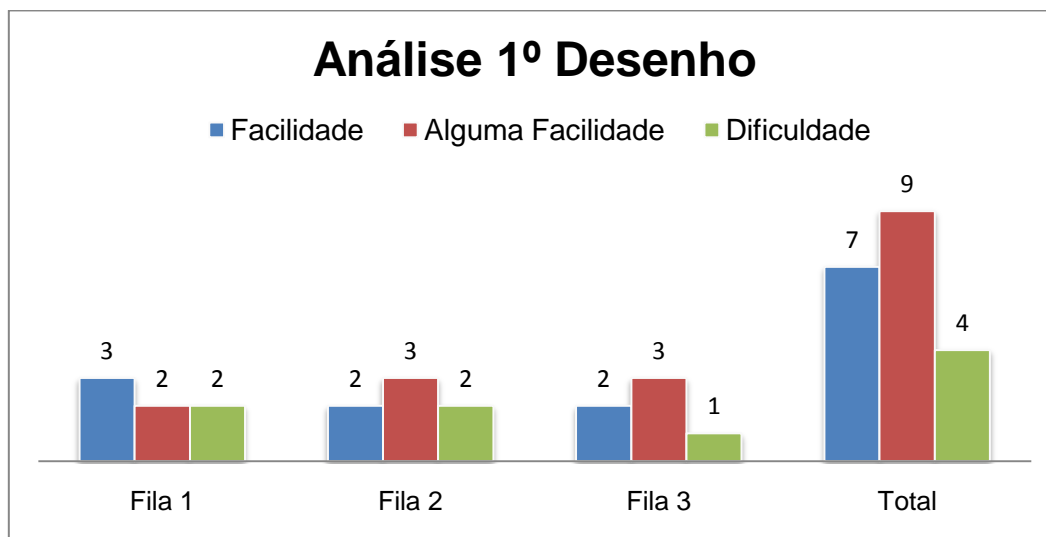
Sintetizando a análise dos dados recolhidos:

- Fila 1, o aluno A e H demonstraram dificuldades, na representação das suas experiências pessoais;
- Fila 2, as dificuldades foram identificadas nos alunos G e M, o primeiro porque queria representar, o que não conseguia e o segundo demonstrou falta de autonomia<sup>8</sup> e segurança no que estava a representar, pelo que recorreu às ideias dos colegas que estavam mais próximos.
- Fila 3, apenas um aluno revelou dificuldades. Também este aluno manifestou insegurança e falta de autonomia.

No geral a turma trabalhou com empenho<sup>9</sup>, tendo alguns alunos - sete - realizado a actividade proposta com facilidade e - nove - com alguma facilidade.

Gráfico I

Gráfico I – Análise do 1º Desenho



<sup>8</sup> Autonomia - nome feminino do gr. *autonomía*, «id.»; condição ou qualidade de autó(ô)nomos; independência; na vertente filosófica e segundo Kant, liberdade da vontade racional que só obedece à lei por ela mesma legislada.

<sup>9</sup> Empenho - nome masculino; 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo de empenhar; compromisso; obrigação; interesse; dedicação; esforço; ardor

Apesar de ter sido referido aos alunos que podiam utilizar as técnicas que acharam mais adequadas para a representação dos seus desenhos. Toda a turma se limitou aos tradicionais riscadores<sup>10</sup>. A actividade foi desenvolvida com empenho, tendo oito alunos realizado um segundo desenho. Desses, dois utilizaram a técnica da “aguarela” (aguada com guache).

---

<sup>10</sup> Riscadores – adjectivo que risca; (De *riscar*+*-dor*); nome masculino; aquele que risca; instrumento de riscar.

### **3.2.2. Segunda Fase do Projecto**

A segunda fase, que engloba a fruição/contemplanção, iniciou-se com a visualização de um PowerPoint sobre pintores contemporâneos portugueses. Aqui se aplica o activador criativo “Leitura Recreativa de Imagens”, onde os alunos puderam ter contacto com diferentes formas de representação de ideias/imagens.

Os quadros seleccionados e que serviram de Indutores para o desenvolvimento do projecto, foram escolhidos tendo em conta a temática que tratavam e a sua relação com os temas explorados no primeiro desenho. A utilização de obras de arte de pintores contemporâneos portugueses permitiu aos alunos observar os diferentes procedimentos, as diferentes formas de representação, as diferentes cores e os diferentes materiais com que cada pintor elaborou a sua obra, representando de forma diferente as suas ideias, ao mesmo tempo que lhes proporcionou o encontro com pintores que não conheciam e que fazem parte do nosso património cultural.

O visionamento destes quadros serviu para motivar os alunos a representarem as suas vivências pessoais sem receio de desenhar/representar qualquer elemento, podendo basear-se nas pinturas que tinham observado e comentado. Ao contrário do que a nossa expectativa nos dizia, durante a contemplanção os alunos mantiveram-se sempre em silêncio e a observar cuidadosamente as obras apresentadas. No início, houve uns risinhos em surdina, por não estarem habituados ao silêncio, mas rapidamente se habituaram a fazê-lo com alguma seriedade. O nível de observação demonstrado pelos alunos foi bastante bom, repararam em pormenores que por vezes a nós, professoras, nos tinham escapado, como é o caso da observação feita pelo aluno C sobre o quadro de José de Guimarães, “O Domador de Leões”, dizendo: “Um circo inventado na cabeça do pintor, com o número dois”. Todos tinham identificado, o circo, só depois de o aluno ter referido o número dois é que todos se aperceberam da sua existência.

Interiorizaram elementos de representação, cor e forma, uma vez que os estavam a mencionar à medida que iam observando as obras, comentando de forma autónoma. Fizeram, na maioria dos quadros, uma associação entre o que estavam a ver e aquilo que conhecem e lhes é familiar, as suas realidades e experiências das coisas.

Foi importante referir aspectos sobre as obras, desconhecidos para eles, permitiu-lhes perceberem que as suas interpretações podem ser enriquecidas com o conhecimento de outros aspectos que levaram à produção da obra, como por exemplo a vida do artista.

Neste sentido, as obras foram apresentadas sem qualquer informação para além da imagem e foi pedido aos alunos que as comentassem.

Durante a fase de contemplação os alunos observaram os quadros em silêncio durante mais ou menos cinco minutos, depois comentaram (descreveram/emiteram a sua opinião) sobre o que estavam a contemplar e por fim é revelado no slide seguinte, os dados da obra.

Por fim, a professora e os alunos debateram o que tinha sido referido e o que a obra representava do ponto de vista do autor/pintor.

1º Pintor – Joaquim Rodrigo (1914 – 1996)

Slide 2



Slide 3



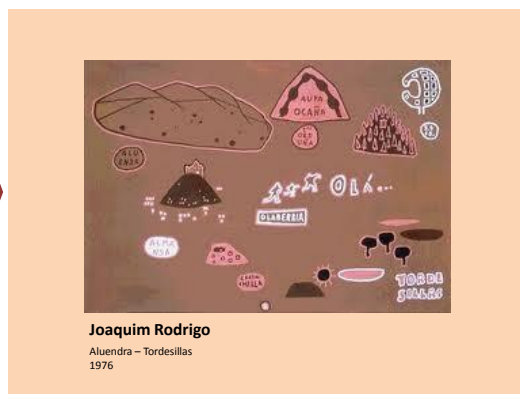
Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 2):

- “Caracteriza o Deserto” (Aluno A)
- “A terra como é em diferentes lugares e a natureza e as diferentes estações do ano” (Aluno G)
- “África Antiga, por causa das cores que estamos a ver” (Aluno T)
- “A selva com animais, árvores e rochas” (Aluno D)

Slide 4



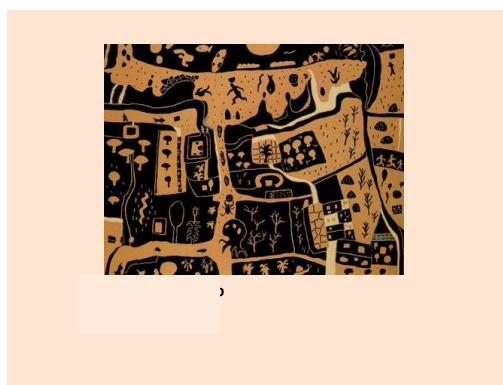
Slide 5



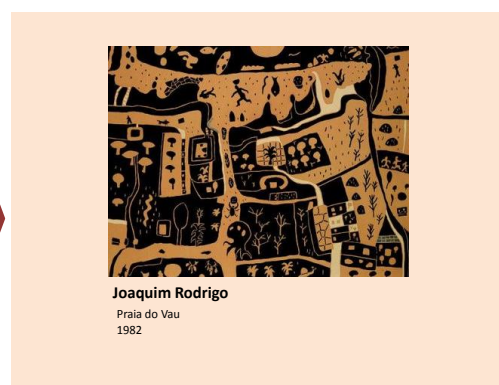
Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 4):

- “Uma tarde de férias numa ilha rural” (Aluno A)
- “Deserto, porque é terra, montes e árvores” (Aluno D)
- “Uma mensagem, que chama a atenção para a vida” (Aluno B)
- “Imigração. Um monte de pedras a apanhar o sol” (Aluno T)
- “Um passeio pela natureza, que passa pelas montanhas, lagos e mostra a lua e também os seres vivos” (Aluno G)

Slide 6



Slide 7



Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 6):

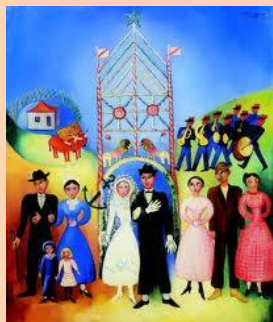
- “A ilha da Atlântida” (Aluno L)
- “Uma cidade debaixo de água...a vida debaixo de terra e uma cidade” (Aluno G)

- “Formigueiro Moderno” (Aluno T)
- “Uma cidade africana” (Aluno K)
- “Uma cidade partida ao meio” (Aluno C)
- “Uma vila muito antiga, com um monstro no meio da vila e as pessoas a fugir” (Aluno F)
- “Uma horta” (Aluno A)

Entre o final das obras de um pintor e o início das obras do seguinte, foi mostrada uma pequena retrospectiva biográfica sobre o pintor que estava a ser visualizado.

2ª Pintora – Sarah Affonso (1899 – 1983)

Slide 9



Slide 10

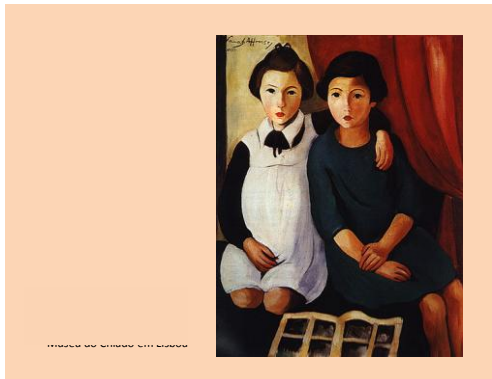


Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 9):

- “Um príncipe e uma princesa de Portugal, com um rancho e uma banda filarmónica...vila com uma casa” (Aluno I)
- “A boda do marinheiro, pescador...” (Aluno J)
- “Um casamento ao ar livre, com música...numa terra muito antiga (por causa dos fatos que eles têm vestidos) (Aluno D)
- “Uma festa no campo...tem um arco e muitas flores...” (Aluno M)
- “Uma quinta, com um casamento à beira-mar” (Aluno H)

- “As festas de Sto. António” (Aluno F)

Slide 11



Slide 12



Alguns comentários dos alunos sobre o quadro(Slide 11):

- “Duas irmãs Chinesas” (Aluno T)
- “Duas crianças pobres, porque têm cara pálida e estão tristes” (Aluno D)
- “A filha grávida com a mãe e ver um álbum de fotos, de recordações” (Aluno E)
- “Duas amigas a estudar ou a ler um livro” (Aluno C)

3º Pintor – José de Guimarães (1939 - ...)

Slide 14



Slide 15

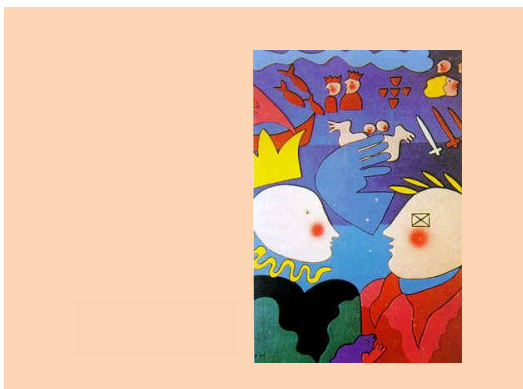


Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 14):

- “Um leão a passar por entre um arco de fogo, com um mágico” (Aluno K)

- “Um Dragão a tentar engolir um homem” (Aluno D)
- “Um cartaz do circo, com um mágico, um domador de leões e o ...leão, dragão, sapo...qualquer coisa esquisita” (Aluno E)
- “Um circo, onde o domador de leões, vai ser comido” (Aluno G)
- “Um leão a passar num arco de fogo, no circo” (Aluno A)
- “Um ouriço e um leão a comer o apresentador de um circo” (Aluno Q)
- “Um circo inventado na cabeça do pintor, com o número dois” (Aluno C)

Slide 16



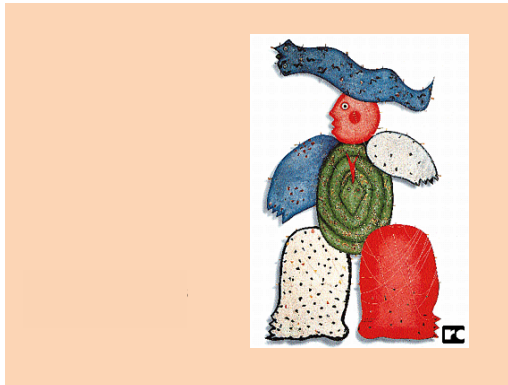
Slide 17



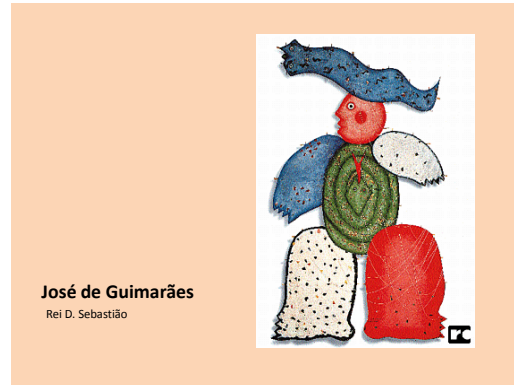
Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 16):

- “Revolta francesa, contra os portugueses” (Aluno C)
- “Descobrimientos” (Aluno Q)
- “Reis à beira – mar, barcos...Reis...coroas e luvas” (Aluno K)
- “Um rei e uma rainha junto a um lago, com o príncipe e a princesa a nadar com os peixes e patos” (Aluno T)
- “Evolução dos tempos antigos até agora” (Aluno H)
- “Uma visita ao Oceanário” (Aluno P)
- “Uma guerra muito antiga ao pé do mar” (Aluno F)

Slide 18



Slide 19



Alguns comentários dos alunos sobre o quadro (Slide 18):

- “Bichos” (Aluno I)
- “Pessoa vestida com uma planta – Cacto” (Aluno T)
- “Uma pessoa com pés de Dragão e barriga de uma cobra” (Aluno D)
- “Homem Cobra” (Aluno G)
- “Conjunto de vida de várias formas, porque pode ser um ser de outro planeta” (Aluno H)
- “Jogos de arco e flecha” (Aluno A)
- “Um homem com uma cobra ao meio” (Aluno F)
- “O Homem animal” (Aluno C)

No fim da observação das obras de um pintor, foi mostrada uma pequena biografia sobre o mesmo. Permitindo aos alunos conhecer um pouco do seu percurso pessoal e artístico.

Após a observação e a análise dos quadros de diferentes autores, foram referidas e exemplificadas algumas técnicas que permitem exprimir de forma diferente várias situações, como por exemplo o decalque, as texturas, a colagem, a utilização de diferentes tipos de tinta e a sua aplicação e a utilização de diferentes riscadores (pastel de óleo e seco). Em seguida, foi proporcionado aos alunos a experimentação de algumas destas técnicas. De seguida, iniciaram a realização dos objectos plásticos utilizando as técnicas experimentadas para exprimir e representar as suas ideias tendo por base a observação das obras de arte e a sua aplicação nas suas vivências pessoais.

### 3.2.3. Terceira Fase do Projecto

Nesta fase, procedeu-se à realização do processo criativo essencial à fase denominada de produção/criação, isto é, os alunos iniciaram a produção de esboços com as suas ideias para a produção do objecto plástico, como exemplificamos pela observação dos esboços realizados pelo aluno K.

Esboços do aluno K, para o objecto plástico:



Imagem I – 1º Esboço



Imagem II – 2º esboço

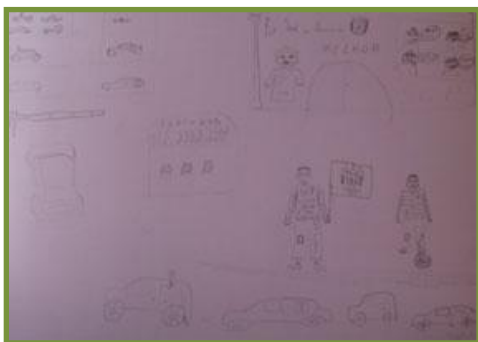


Imagem III – 3º Esboço



Imagem IV – 4º Esboço

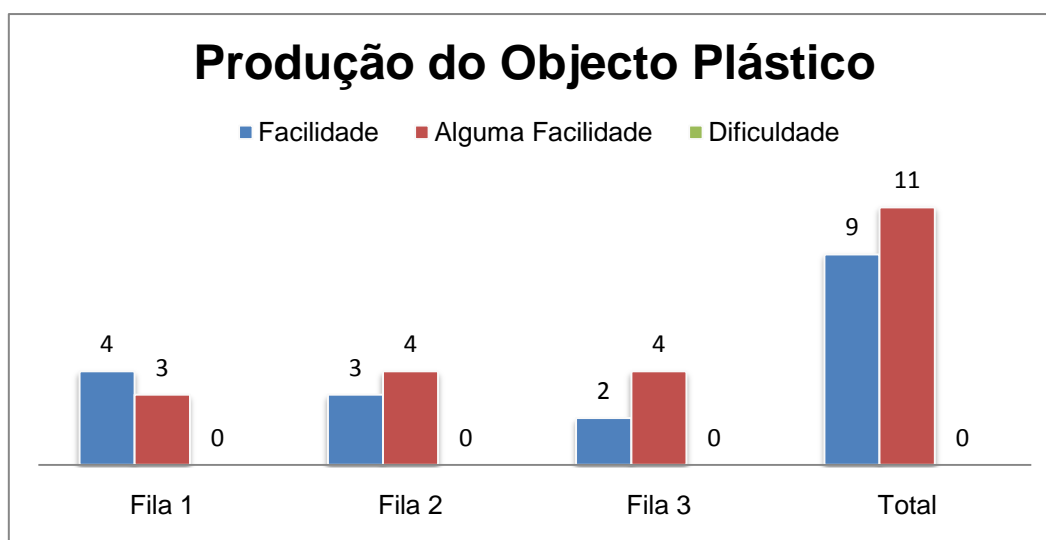


Imagem V - Estudo de cor, antes da passagem para a tela



Alguns alunos experimentaram, pela primeira vez, pintar com as mãos, o que proporcionou momentos de alegria; os colegas, que estavam a utilizar o pincel, também fizeram questão de experimentar. Houve, durante toda a actividade uma grande partilha de experiências inter-pares.

Podemos ainda assinalar a grande motivação demonstrada pela turma para a realização da actividade, pois todos os alunos concluíram o seu objecto plástico, com mais ou menos ajuda dos seus pares (colegas e professoras) e recorrendo a diferentes técnicas.




Gráfico II - Análise da Produção do Objecto Plástico



Quadro VI – Objecto Plástico produzido pelos alunos


Nº	Objecto Plástico	Tema / Técnicas utilizadas
A		<p><b>“Lusiberia”</b> – 2010</p> <p>Técnica mista, com colagem e pintura a guache sobre tela</p> <p>50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na vivência pessoal aquando da deslocação a um parque aquático, do qual fez questão de trazer fotografias para podermos comparar com o seu quadro.</p>
B		<p><b>“A Princesa”</b> – 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela</p> <p>50cm x 40cm</p> <p>Objecto Plástico, baseado na vivência pessoal.</p> <p>Tratada pelo termo “minha princesa”; imaginou o seu auto-retrato.</p> <p>Inicialmente, o projecto incluía a colagem de vários elementos atrás da imagem o que não veio a acontecer quando finalizou o objecto plástico.</p>

C		<p><b>“Viagem ao Zoo”</b> – 2010</p> <p>Técnica mista, colagem de papéis, madeira e pintura a guache sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal, aquando da deslocação a um parque de animais.</p>
D		<p><b>“Terreno de Reis”</b> – 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal, toda a família trabalha toda no campo, contando com a sua ajuda.</p>
E		<p><b>“Cidade Esquecida”</b> – 2010</p> <p>Técnica mista, com colagem e pintura a guache sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal, um passeio à praia.</p>

F		<p><b>“Uma Amizade”</b> – 2010</p> <p>Técnica mista, colagem de papéis, tecidos e pintura a guache sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal. Representa a amizade e o teatro que iam representar na disciplina de Língua Portuguesa.</p>
G		<p><b>“A Aldeia de Marianos”</b>- 2010</p> <p>Técnica mista, com colagem e pintura a guache sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal. Representação da Vila de Marianos, onde vive e joga à bola (clube local).</p>
H		<p><b>“Planeta Monstruoso”</b>- 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na imaginação. Reflecte a sua vivência familiar.</p>

I		<p><b>“Imaginária Arma Mortífera”- 2010</b>  Guache / Tinta plástica sobre tela  50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal, baseada na relação muito próxima que existe no seio familiar e onde a imaginação é incentivada.</p>
J		<p><b>“Uma Ida à Loja” – 2010</b>  Guache / Tinta plástica sobre tela  50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal.  Representação da actividade que mais gosta de fazer, que é ir comprar coisas novas, principalmente para vestir.</p>
K		<p><b>“Ida ao Estádio” – 2010</b>  Guache / Tinta plástica sobre tela  50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal.  Representação do Estádio do Sporting, clube onde o aluno joga e é adepto.</p>

L		<p><b>“Oceano”</b> – 2010</p> <p>Técnica mista, colagem de papéis, tecidos, sementes e pintura a guache sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal. Representação do desporto que o aluno costuma realizar nas férias. No projecto para o objecto plástico o aluno representa-se a mergulhar, quando passou para a tela não conseguiu reproduzir essa personagem.</p>
M		<p><b>“Castelo no meio do Céu”</b>- 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na imaginação. Representação do Castelo de Óbidos.</p>
N		<p><b>“A Guerra”</b> – 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal. Representação da Visita de Estudo à Batalha.</p>

O		<p><b>“O Homem Boi”</b>- 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal.</p> <p>Representação do Minotauro, falado em História e Geografia de Portugal, juntamente com as tradições de picarias que existe na zona do Ribatejo o aluno fez “O Homem Boi”.</p>
P		<p><b>“ A Minha Casa”</b>- 2010</p> <p>Técnica mista, colagem de madeira, tecido e pintura a guache sobre tela 50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal.</p> <p>Representação da sua casa.</p>

Q		<p><b>“Castelo do Benny”</b> – 2010</p> <p>Técnica mista, colagem de papéis e pintura a guache sobre tela</p> <p>50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal. Representação da Visita de Estudo à Batalha na companhia do Benny</p>
R		<p><b>“Sucessão dos Reis”</b> – 2010</p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela</p> <p>50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal. Representação da Visita de Estudo à Batalha e à luta pela sucessão do reino de Portugal.</p>
S		<p><b>“ A Aldeia do Sr. Arsénio”</b></p> <p>Guache / Tinta plástica sobre tela</p> <p>50cm x 40cm</p> <p>Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal.</p> <p>Representação do local onde habita e às actividades que costuma realizar.</p>

T



**“O Cruzeiro” – 2010**

Técnica mista, colagem de papéis, tecidos e pintura a guache sobre tela

50cm x 40cm

Objecto plástico, baseado na sua vivência pessoal.

Representação de viagem de barco que fez nas férias. A aluna veio de Torres Vedras e ia com frequência pescar com os amigos do pai.

Com a finalização da produção do objecto plástico, realizou-se uma reflexão/avaliação, que consistiu em cada aluno referir o que quis representar e se tinha conseguido essa finalidade. Também foi referido o método e recursos aplicados na Unidade de Trabalho, assim como o resultado alcançado.

Das observações recolhidas existem frequentes referências ao crescente de auto confiança e autonomia, que se traduziu no empenho demonstrado na realização desta actividade. Os alunos perceberam a possibilidade de representar situações imaginadas com base nas suas vivências.

A constatação de que existiam pintores que representavam nas obras as suas experiências/vivências pessoais, levou o aluno M a referir: “Professora... não sabia que tínhamos pintores portugueses que pintam tão bem” esta observação é um indício da tomada de consciência do papel do artista em relação à sua obra.

### 3.2.4. Quarta Fase do Projecto

Na quarta fase e ainda fazendo parte da reflexão/avaliação, a turma mostrou à comunidade escolar e local, os objectos plásticos produzidos, através da apresentação dos seus trabalhos numa exposição.



Imagem 6 – Vista geral da exposição “ O Cantinho da Criação”

O livro de presenças foi assinado por vários elementos da comunidade e podemos ler nele vários comentários de incentivo a este tipo de iniciativa. Os alunos que no início estavam com receio de mostrar os seus objectos plásticos, ficaram orgulhosos e já queriam repetir a actividade, com outros pintores, no final do ano lectivo.

Alguns dos comentários registados no livro:

“Criar não tem tempo, espaço ou idade, é um estado de *Alma* e sensibilidade...de pequenas *Grandes* obras é feita esta exposição que marca pela inovação neste espaço da escola. Gostei da criatividade, apresentação e modo de expor.”  
(Funcionária, 15/02/2011)

“Eu adoro as artes, mas adorei mais o quadro da loja *Milon*”  
(Aluno, 13/01/2011)

“O 6ºB, está de parabéns! A exposição estão espectacular...” (Professora, 20/01/2011)

“Gostei muito da exposição.

Os desenhos estão muito criativos e revelam um pouco a personalidade de cada aluno. Parabéns!” (Professora, 06/01/2011)

### **3.3. Apresentação e discussão dos resultados**

A educação artística no ensino básico deve ter como objectivo principal, abrir caminho a experiências que possam ser vivenciadas e que sejam intelectualmente estimulantes para o grupo turma e para o aluno individualmente, contribuindo para o desenvolvimento das suas capacidades de apreciação, valorização e compreensão dos objectos artísticos que os rodeiam.

Assim, e para que este objectivo seja atingido no 2º Ciclo do Ensino básico, isto é, 5º e 6ºanos de escolaridade, é preciso que exista uma aquisição de conhecimentos em linguagem visual, através da fruição/contemplação da obra de arte, seguido de produção/criação e por fim reflexão/avaliação.

Os alunos revelaram interesse e curiosidade pelo trabalho que lhes foi proposto, desenvolvendo e participando com empenho<sup>11</sup> na realização do primeiro desenho.

Apesar do entusiasmo inicial, verificamos que alguns alunos tinham apreensão em começar a desenhar, ficando a olhar para os colegas mais autónomos e que já estavam a produzir os seus desenhos. Aquando da proposta para o desenho inicia, foi dito à turma que poderiam realiza-lo com recurso aos materiais que pretendessem. Após a conclusão dos desenhos constatamos que a maioria dos alunos só usou riscadores, isto é, lápis de cor ou canetas de feltro.

---

<sup>11</sup> Empenho individual - Resposta (Tempo, interior ou exterior) a partir da solicitação da actividade e quantidade de produtos realizados;

Houve apenas uma excepção, dois alunos que trabalhavam na mesma mesa e que utilizaram a técnica da “aguarela”, através de uma aguada feita com guache para colorir o desenho (de referir que o fizeram, porque terminaram o primeiro desenho mais rápido que o resto da turma).

Na observação dos slides como espectadores/fruidores/contempladores, verificou-se que os comentários tinham quase sempre a ver com a realidade que conheciam; as suas percepções e interpretações das obras levou-os a fazer comentários bastante exactos, tendo em conta o tema que era tratado na obra.

Fizeram a descrição do que viam ou imaginavam ver, conseguindo identificar os elementos principais da obra. Embora os comentários e observações feitas tivessem a tendência para serem curtas e muitas vezes vagas; à medida que íamos avançando na análise das obras, a professora, tentou mudar isso, ajudando-os a aprofundar os seus comentários, através de pequenas questões que os obrigaram a olhar outra vez para o quadro e a serem mais concretos, como por exemplo: “que tipo de animais/pessoas estás a ver?”, “porquê uma cidade africana?”

Durante a realização do objecto plástico, verificamos que os alunos, recorrendo às suas vivências e imaginação, conseguiram transpor para as suas criações elementos que caracterizavam a sua individualidade. Por exemplo, o aluno K que joga como iniciado no clube desportivo “Sporting Club de Portugal”, representou uma “Ida ao Estádio” ou o aluno G, que representou a Aldeia onde vive.

Foi também evidente a evolução que o objecto sofreu no seu percurso, desde o primeiro esboço, até à produção final. Esta evolução demonstra a preocupação que os alunos tiveram em representar “algo” que com maior ou menor grau de subjectividade, respondia à proposta que lhes fora feita, isto é, a criação de um objecto plástico que reflectisse as suas vivências. Este projecto pretendeu conduzir os alunos à acção/reflexão, uma aprendizagem através da experimentação, que leva os alunos a descobrir múltiplas soluções para um mesmo problema. Neste caso para a produção do objecto plástico.

Esta realidade pode ser observada como mais pormenor, através dos registos áudio/vídeo e da observação directa feita pelas professoras, aquando da evolução do objecto. Por exemplo, o aluno B, tendo começado por cobrir a tela com pequenos pedaços de tecido e papeis, terminou o seu objecto plástico sem

utilizar nenhum destes materiais, aplicando apenas a técnica de pintura com diferentes tintas; assim como, o aluno O, que utilizou um grande número de cores, até chegar as cores definitivas do objecto final.

Através da actividade proposta, os alunos vivenciaram uma experiência diferente, tendo-lhes sido facultada a oportunidade de dialogar com obras de arte. Através de instrumentos de recolha de dados, verificamos que a actividade lhes proporcionou grande entusiasmo e empenho. Apesar de o projecto ter decorrido na altura do Natal, nenhum aluno demonstrou interesse em interrompê-lo para realizar as habituais decorações como estava a acontecer com as outras turmas e como é habitual nas escolas, assim constatando que a oferta de actividades motivadoras evita o curso das rotinas tantas vezes instalado e acriticamente implementado. No final da actividade toda a turma referiu que gostaria de voltar a produzir trabalhos deste cariz no final do ano lectivo, propondo inclusive a realização de um objecto plástico colectivo, em que cada aluno analisasse um pintor de que gostasse e, depois, numa tela comum desenhavam livremente tendo em conta um pintor ou a obra seleccionada. O final seria uma obra colectiva inspirada em muitos pintores.

Acreditamos, também que a observação dos slides foi um recurso bastante importante para o desenrolar deste projecto, permitindo desinibir os alunos na realização das suas representações gráficas. Melhorando a auto confiança e a auto estima que foi possível observar através do empenho e autonomia. Esta apreciação encontra eco nas palavras de Irra (2009) “Parece-nos de extrema pertinência e importância conjugar e equilibrar a produção plástica com a apreciação e o contacto com obras de arte, nas nossas práticas lectivas.” Ao constatar que a exploração do caminho artístico permite tornar os alunos mais exigentes consigo e com as suas produções, colmatando alguns dos seus medos e lacunas.

#### 4. Conclusões

Terminado o projecto do qual o presente relatório dá conta, pretende-se agora, em jeito de conclusão, assinalar alguns aspectos que a sua realização permitiu observar: Tendo em conta os documentos orientadores da disciplina de EVT (Programa da Disciplina, volume I e II e Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais) observamos que, apesar das dificuldades que muitas vezes se colocam à planificação do processo de ensino aprendizagem, estes documentos não são inibidores de um trabalho que apele ao desenvolvimento da literacia em arte, podendo mesmo desenvolver-se nos alunos as competências necessárias ao nível da comunicação e da cultura, respeitando os três eixos estruturantes Fruição – contemplação; Produção - criação e Reflexão - interpretação.

Também os programas, sendo portadores de informação que serve de base à planificação/orientação das actividades realizadas, permitem seleccionar os conteúdos da forma que o professor achar mais conveniente. Isto é, no caso de EVT e na medida em que os conteúdos se apresentam por ordem alfabética e sem menção de sequência que deva ser seguida, compete ao professor utilizar nas actividades os conteúdos que achar mais pertinentes desenvolver/adquirir. Podendo mesmo criar/planificar actividades diferentes das que, por efeito mimético, se encontram na maioria das escolas. Por exemplo, é usual encontrarmos logo no início do ano lectivo actividades como a realização postais de Natal, decorações para a escola ou exercícios de geometria que já foram leccionados na matemática, deixando para segundo plano a introdução de conteúdos mais motivadores, relacionados com a comunicação visual e o contacto com a obra de arte.

Com a realização deste projecto, os alunos vivenciaram uma experiência pessoal de entajuda e partilha de experiências, em que todos participaram com empenho, conseguindo atingir o objectivo final, o que por vezes não acontece com aquelas actividades que se repetem ano após ano. Assim, a resposta à pergunta de partida: *“Como podem os alunos através do recurso à pintura contemporânea, produzir objectos plásticos com base nas suas vivências?”* demonstrou que se não nos restringirmos ao que os alunos já conhecem e fazem com alguma facilidade mas, ao contrário, os orientarmos, dando-lhes diferentes

perspectivas sobre a forma como podem comunicar e produzir coisas diferentes, seja através das técnicas aplicadas, seja através dos temas, ferramentas e recursos, aumentamos não apenas o nível de participação e interesse dos alunos nas actividades, mas podemos também sofisticar os objectos plásticos produzidos. Constatamos que a nossa ajuda e chamadas de atenção para alguns elementos podem tornar os objectos resultantes mais ricos e satisfatórios para os alunos.

Parece-nos de extrema importância e pertinência conjugar a produção plástica com a apreciação e o contacto com obras de arte, na nossa prática lectiva. Esta conjugação complementa-se beneficiando a apreciação de obras de arte e estilos.

Os alunos compreenderem que as suas vivências pessoais são importantes para transmitir aquilo que sentem, olhando para as suas produções pessoais como formas válidas de representação de uma realidade, sem receio ou inibição face a elas.

Estas produções funcionam como uma verdadeira força impulsionadora para o desejo de produzir os trabalhos plásticos, proporcionando entusiasmo e possibilidade de destruição de medos e receios. Os alunos aprendem a valorizar o que é seu.

Pudemos observar, no primeiro desenho, que surgia uma certa carência ou desencanto por não conseguirem colmatar as suas expectativas e anseios de perfeição e realismo. No entanto, e após a aplicação do activador criativo “Leitura Recreativa de Imagens” esta dificuldade foi atenuada; tiveram ao alcance ferramentas que permitiram alcançar os seus objectivos.

Novas ideias e possibilidades foram surgindo ao longo desta experiência que gostaríamos de experimentar no futuro, como a promoção do contacto pessoal entre os alunos e as obras de arte no seu estado natural, isto é, em algum museu ou casa da cultura e/ou o contacto com artistas plásticos locais, convidando-os a ir à escola, para espelhar com eles questões sobre as suas vidas e expressão artística.

Por fim, o deleite demonstrado pelos alunos perante as histórias que envolviam as obras, quer fossem sobre a infância do artista ou sobre o tema da obra, levou-nos a sentir vontade de experimentar esta actividade com apenas

uma obra de cada vez e contar a sua história até que a curiosidade dos alunos seja satisfeita.

Uma das condicionantes deste projecto foi o factor tempo que não permitiu desenvolver o tema abordado até à exaustão pois, como já foi referido, os alunos no fim de realizarem os seus objectos plásticos individuais, demonstraram interesse em realizar outros objectos plásticos, onde incluíam um colectivo do grupo turma.

Tendo em conta o sucesso que esta experiência revelou no contexto sala de aula assim como a receptividade dos alunos a este tipo de aprendizagens e conteúdos, o seu comportamento e a total adesão à actividade, lamentamos não ter podido continuar este tipo de intervenção.

Ficou-nos, no entanto, uma certeza: a de que pretendemos introduzir com mais frequência este tipo de actividades na nossa prática lectiva futura, fugindo às actividades estereotipadas que, muitas vezes, justificando-se em constrangimentos do programa, proliferam nas nossas escolas. Verificámos que é possível explorar o diálogo com a obra de arte em conjugação com os conteúdos do programa da disciplina e pretendemos fazê-lo cada vez mais e de um modo mais diverso e abrangente.

## **BIBLIOGRAFIA**

AFONSO, Natércio. (2005). *Investigação Naturista em Educação: Um guia prático e crítico*. 1ª Edição. Edições ASA, ISBN 972-41-4487-9.

BELL, J. (2008). 4ª Ed., *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva Publicações.

CHARAF; Martina. (1998). *Lectura Recreativa de Imágenes; in 10 Activadores Creativos* (Coord.David Prado), pp135 – 160. Serie1998. ISBN 84-8121-734-4

*Currículo Nacional do Ensino Básico*. (2001). *Competências Essenciais*, Lisboa.

DIEZ; David de Prado. (1987). *Manual de Activación Creativa*, LUBRICAN, Santiago de Compostela.

DIEZ; David de Prado. (1998). *10 Activadores Creativos*. Colección monografías Master de Creatividad, nº 8. Universidade de Santiago de Compostela. ed.III Serie1998. ISBN 84-8121-734-4

DGEBS (Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário). (1991). Ministério da Educação, *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico 2º Ciclo – Volume I*. Julho de 1991 — Reforma Educativa

DGEBS (Direcção Geral do Ensino Básico e Secundário). (1991). Ministério da Educação, *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico 2º Ciclo – Volume II*. Julho de 1991 — Reforma Educativa

ECO, Umberto. (1986). *A definição da Arte*. Lisboa. Edições 70

ESTRELA, Albano. (2008). 4ª Edição. *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto Editora. ISBN 978-972-0-34043-6.

GONÇALVES, Eurico. (1991). A Arte Descobre a Criança – raiz editora. ISBN 972-9441-04-9.

IRRA, Maria Leonor Gonzalez. (2009). O Diálogo com a obra de arte: Uma experiência artística com alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico – Mestrado em Educação Artística – Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes

LEITE, Elvira; MALPIQUE, Manuela. (1986). Espaços de Criatividade – A criança que fomos / A criança que somos... Através da Expressão plástica. Coleção Ser professor. Edições Afrontamento.

LOBO, Estefania Sanz. (1998). La Solución creativa de problemas en las artes plásticas. Universidade de Santiago de Compostela.

LOWENFELD, Viktor.(1970). Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou.

NÓVOA, António. (1995). O IIE E A Investigação Educacional, Intervenção proferida no Fórum de Projectos de Inovação e Investigação, Universidade de Lisboa.

PILÃO, Susana Cláudia Nunes Estrela. (2010). Relatório de Estágio, Metamorfose – O Uso Criativo do Lixo, Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, Escola Superior de Educação de Setúbal, Julho

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Trajectos. Gadiva, 5ª Edição. ISBN 978-972-662-275-8.

SANTOS, João dos. (1991). Ensaio sobre Educação – I, Criança quem é? Biblioteca do Educador. Livros Horizonte. ISBN 972-24-0578-0

SOUSA, Alberto B. (2003). Educação Pela Arte e Artes na Educação – 1º Volume – Bases Psicopedagógicas. Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. ISBN 972-771-617-2.

SOUSA, Alberto B. (2003a). Educação Pela Arte e Artes na Educação – 3º Volume – Música e Artes Plásticas. Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. ISBN 972-771-619-9.

STOLTZ; Tania. (1999). Capacidade de Criação – Introdução. Editora Vozes. ISBN 85-326-2138-4

TAVARES, José; ALARCÃO, Isabel. (1990). Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Livraria Almedina.

TELMO, Isabel Cottinelli. (1998). Linguagem Gráfica Infantil. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Setúbal. 4ª Edição. ISBN 978-972-8507-16-9

Vários autores, (1996). 2ª Edição. 7 Ensino Artístico, Cadernos Correio Pedagógico. Edições Asa.

VELOSO, Maria João. (2009). Recensão Bibliográfica da obra de Lev Vygotsky: A Imaginação e a Arte na Infância, Universidade Aberta, Módulo de Expressão plástica.

VYGOTSKY, L. (2005). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

## **WEBGRAFIA**

ALMEIDA, Aires, O que é arte? – Três teorias sobre um problema central da estética. Consultado em 18/03/2011, WWW:

[http://criticanarede.com/fil\\_tresteoriasdaarte.html](http://criticanarede.com/fil_tresteoriasdaarte.html), ISSN 1749 8457

ALMEIDA, João; PINTO, José, Teorias de Investigação em Ciências Sociais. Consultado em 11/01/2011. WWW: «URL

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223912596D1IPA2iy3Nz71OD5.pdf>

FINO, Carlos Nogueira. (2001). *in* Revista Portuguesa de Educação, Volume 14, nº 2, pp 273 - 291. Consultado em 15/04/2011, WWW «URL: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/11.pdf>. ISSN: 0871-9187

INFORPÉDIA, Dicionário de Língua Portuguesa. (2011). – Porto Editora. Consultado em: 26/02/2011. WWW: «URL [http://www.infopedia.pt/subscrever\\_trial/subscrever0.jsp](http://www.infopedia.pt/subscrever_trial/subscrever0.jsp)

LOWENFELD, Viktor. Capítulo do livro Desenvolvimento da Capacidade Criadora. Consultado em 20/11/2010, WWW: «URL <http://moodle.ips.pt/ese/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=15178>

MARQUES, Ramiro. (2010). *In* ProfBlog, A Educação em Portugal. Consultado em 15/04/2011, WWW: «URL: [http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica\\_pedagogia/O%20Conceito%20de%20Zona%20de%20Desenvolvimento%20Proximal%20em%20Vygotsky.pdf](http://www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/O%20Conceito%20de%20Zona%20de%20Desenvolvimento%20Proximal%20em%20Vygotsky.pdf)

MARTINS, Vitor Manuel Tavares. (1998). A Urgência da Criatividade, in Millenium online, nº 9. Consultado em 10/10/2010, WWW: «URL [http://www.ipv.pt/millenium/pers9\\_vmtm.htm](http://www.ipv.pt/millenium/pers9_vmtm.htm)

Roteiro para a Educação Artística (2006). Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI. Edição: Comissão Nacional da UNESCO, Lisboa 2006 consultado em 31/01/2011, WWW: «URL <http://moodle.ips.pt/ese/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=22344>

## **Apêndices**

## **Apêndice I**

### **Documento a informar a escola sobre a aplicação do projecto**

Ex.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Directora do Agrupamento  
de Escolas de Fazendas de Almeirim

Eu, Rosa Maria de Almeida Lourenço, professora do Quadro de Escola deste agrupamento, no grupo 240 (Educação Visual e Tecnológica). Venho por este meio, informar V. Ex.<sup>a</sup> de que no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Setúbal, vou aplicar um projecto de Investigação – Acção no contexto sala de aula, com uma turma do 2º Ciclo, 6ºB (Direcção de Turma), esta investigação irá decorrer durante o 1º Período do presente ano lectivo e aborda o tema: “A obra de arte como contributo para o desenvolvimento da criatividade”.

Sem outro assunto, apresento-lhe os meus sinceros agradecimentos.

Fazendas de Almeirim, 3 de Setembro de 2010

Assinatura

(Rosa Lourenço)

## **Apêndice II**

**Documento a solicitar ao Conselho Pedagógico da escola  
autorização para aplicar o projecto**

Ao Conselho Pedagógico do Agrupamento  
de Escolas de Fazendas de Almeirim

Eu, Rosa Maria de Almeida Lourenço, professora do Quadro de Escola deste agrupamento, no grupo 240 (Educação Visual e Tecnológica). Venho por este meio, apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> um resumo do projecto de Investigação – Acção que irá ser aplicado em contexto sala de aula, com a turma do 2º Ciclo, 6ºB (Direcção de Turma) e respectiva planificação.

Este projecto, tem como objectivo desenvolver a tese que estou a investigar no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica do Ensino Básico da Escola Superior de Educação de Setúbal.

Pede deferimento.

Fazendas de Almeirim, 10 de Novembro de 2010

Assinatura

---

(Rosa Maria Almeida Lourenço)

**Apêndice III**  
**Documento a solicitar autorização aos Encarregados de**  
**Educação**

**AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE DADOS**

Exmo. Senhor Encarregado de Educação

Eu, Rosa Maria Almeida Lourenço, professora de Educação Visual e Tecnológica nesta escola, venho solicitar a V. Ex.<sup>a</sup> autorização para recolha de material áudio / vídeo e fotográfico do seu educando para futuro tratamento de dados no projecto que vou implementar em contexto de sala de aula.

Os dados recolhidos garantem o anonimato dos alunos.

Fazendas de Almeirim, 9 de Novembro de 2010

A Professora

\_\_\_\_\_  
(Rosa Lourenço)

**Nota :** Recorte pelo picotado e devolva, através do seu educando, o talão abaixo indicado à professora Rosa Lourenço

-----

Eu, Encarregado de Educação do aluno \_\_\_\_\_ n.º \_\_\_\_, do 6.ºB, autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) a recolha de elementos do trabalho desenvolvido em sala de aula pelo meu educando.

<b>Material Recolhido</b>	<b>Autorizo</b>	<b>Não Autorizo</b>
Áudio / Vídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fotográfico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro material de pesquisa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Fazendas de Almeirim, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010

O Encarregado de Educação

\_\_\_\_\_

**Apêndice IV**  
**Planificação da Unidade de trabalho “Dar lugar à Criação”**



Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim

Departamento de Expressões Artísticas

Disciplina de Educação Visual e Tecnológica

## Planificação de Unidade de Trabalho – “Dar lugar à Criação”

### 1ª Fase

#### Aula 1 – Sumário: Realização de um desenho (teste)

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO	DURAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver a capacidade de criação;</li> <li>Compreender e distinguir as várias etapas do processo criativo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Comunicação</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Realização de um desenho (que vai servir de teste) sobre as temáticas desenvolvidas nos quadros dos pintores contemporâneos seleccionados;</li> <li>Visualização do PowerPoint com quadros de pintores portugueses:</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Papel, lápis, borracha;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Elaboração do desenho / teste;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Um bloco de 90 minutos</li> </ul>

### 2ª Fase

#### Aula 2 – Sumário: Introdução da actividade /projecto a desenvolver, através da apresentação das temáticas e debate sobre as obras visionadas.

<ul style="list-style-type: none"> <li>Sugerir e debater várias hipóteses de desenvolvimento do projecto;</li> <li>Intervir de forma organizada, manifestando as suas opiniões, sugestões.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Joaquim Rodrigo; Sarah Afonso; Paula Rego; José de Guimarães.</li> <li>Observação dos quadros e debate em grupo / turma sobre a percepção que cada um tem dos quadros;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Computador e projector;</li> <li>PowerPoint de quadros de pintores portugueses</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participação no debate relacionado com as obras observadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Um bloco de 90 minutos</li> </ul>
---	--	--	--	---	--

### 3ª Fase

#### Aula 3 e 4 – Sumário: Criação de soluções gráficas de acordo com os temas abordados

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO	DURAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"><li>• Situar a produção de artefactos/objectos nos contextos históricos e sociais de produção e consumo.</li><li>• Valorizar o património artístico e cultural.</li><li>• Analisar o princípio de criação de um objecto plástico.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Comunicação visual</b><ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Códigos visuais</b></li></ul></li><li>• <b>Espaço</b><ul style="list-style-type: none"><li>• Organização do espaço;</li><li>• Representação do espaço.</li></ul></li><li>• <b>Forma</b><ul style="list-style-type: none"><li>• Relação entre as formas e os factores que as condicionam.</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Início do processo de criação / fruição através do registo gráfico das 1ªs ideias criativas;</li><li>• Elaboração de vários registo gráficos de acordo com o tema a desenvolver;</li><li>• Criação de algumas experiências com diferentes materiais.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Papel, lápis, borracha;</li><li>• Lápis de cor, canetas, aguarelas; guaches, etc.</li><li>• Revistas, jornais, tecidos, etc.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Observação directa, através da participação nas actividades desenvolvidas.</li><li>• Grelhas de observação</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Dois blocos de 90 minutos</li></ul>

**Aula 5 – Sumário: Continuação da criação de soluções gráficas de acordo com os temas abordados / Selecção do esboço e/ou criação**

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AVALIAÇÃO	DURAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleccionar informações pertinentes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Forma</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação entre as formas e os factores que as condicionam</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos estudos / esboços realizados, com exemplos de produtos artísticos que têm como referência a perspectiva do aluno em relação a determinado tema, (arte e criação);</li> <li>• Exercícios de exploração, realizados oralmente, que contemplam a escolha do aluno, com os elementos observados nos quadros dos pintores;</li> <li>• Selecção do estudo / esboço a concretizar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Esboços / criações reelaboradas a partir dos elementos plásticos observados pelos alunos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa do desenvolvimento da participação dos alunos face aos desafios criados na criação de um objecto plástico;</li> <li>• Grelhas de Observação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• um bloco de 90 minutos</li> </ul>

**Aula 6, 7 e 8 - Sumário: Produção do Objecto plástico de acordo com os estudos desenvolvidos**

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	ACTIVIDADES/ESTRATÉGIAS	RECURSOS	AValiação	DURAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as posições relativas entre o observador e os objectos percebidos.</li> <li>• Utilizar nas suas experimentações bidimensionais, processos de representação do espaço.</li> <li>• Expressar o pensamento com a ajuda do desenho.</li> <li>• Seleccionar a informação em função do problema.</li> <li>• Produzir objectos plásticos explorando temas, ideias e situações.</li> <li>• Seleccionar os materiais adequados para aplicar na resolução de problemas concretos.</li> <li>• Seleccionar e aplicar os materiais tendo em conta as suas qualidades expressivas/estéticas.</li> <li>• Seleccionar e aplicar ferramentas e utensílios específicos aos materiais a trabalhar.</li> <li>• Manter comportamentos saudáveis e seguros durante o trabalho prático.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Espaço</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização do espaço</li> <li>• Representação do espaço</li> </ul> </li> <li>• <b>Estrutura</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estrutura dos materiais</li> </ul> </li> <li>• <b>Forma</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação entre as formas e os factores que as condicionam</li> </ul> </li> <li>• <b>Luz/cor</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A cor no envolvimento</li> </ul> </li> <li>• <b>Trabalho</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação técnica/materiais</li> <li>• Produção e organização</li> <li>• Higiene e segurança</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração do projecto, construção do objecto plástico com recurso às técnicas seleccionadas;</li> <li>• Escolha do local para colocar a exposição dos trabalhos realizados pela turma;</li> <li>• Escolha do nome da exposição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Papel cavalinho, lápis, borracha.</li> <li>• Diferentes materiais;</li> <li>• Tela branca;</li> <li>• Tintas de várias qualidades</li> <li>• Diferentes materiais para colagem</li> <li>• Papéis com texturas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação directa e registo em grelhas de avaliação realizadas para o efeito.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cinco blocos de 90 minutos.</li> </ul>

**4ª Fase** – Reflexão / Avaliação dos objectos plásticos e Exposição final (decorreu de 12 de Janeiro a 16 de Fevereiro de 2011)

**Apêndice V**  
**Grelhas de Observação**



Grelha de observação 2	Data: 11/11/2010	6ºB
Actividade/aula nº1: Realização de desenho sobre viagens, cidades, relações de amizade ou acontecimento histórico - “teste”		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empenho/ Motivação demonstrado na realização do desenho “teste”</li> <li>• Empenho/Motivação demonstrada pela turma</li> <li>• Cansaço ou desinteresse quanto à temática</li> <li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li> </ul>	
Actividade:	Registos:
<p>Realização de um desenho sobre (Os temas foram distribuídos pelas 3 filas de carteiras existentes na sala de aula).</p> <p>Fila 1</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma viagem;</li> <li>• Uma Cidade;</li> </ul> <p>Fila 2</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Uma amizade;</li> <li>• Uma actividade do dia-a-dia;</li> <li>• Uma actividade lúdica;</li> </ul> <p>Fila 3</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Um acontecimento histórico;</li> <li>• Uma personagem histórica.</li> </ul>	<p>A turma demonstrou bastante empenho na realização do desenho de acordo com a fila da sala em que estavam inseridos.</p> <p>Alguns alunos realizaram mais do que um desenho, tendo a oportunidade de realizar o tema da fila à direita da fila onde estavam.</p> <p>Alguns alunos demonstraram pouco empenho na forma como terminaram o desenho, não se preocupando com os pormenores / acabamentos.</p> <p>Empenho individual: Resposta (Tempo interior ou exterior) a partir da solicitação da actividade; Quantidade de produtos realizados;</p> <p>Empenho grupo/turma: a) A participação dos alunos da turma no desempenho da actividade; Existem alunos que fazem um boicote e os outros ajudam a superar as dificuldades; b) Dinâmica do grupo turma (pouca vontade; cativação pelos restantes elementos para a actividade)</p>
Outras Observações: (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)	



Grelha de observação	Data: 15/11/2010	6ºB
Actividade/aula nº 2: Apresentação da Unidade de trabalho a desenvolver, com visionamento de PowerPoint de vários pintores que abordam os temas do desenho "teste"		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atenção no visionamento do PowerPoint;</li> <li>• Participação durante o visionamento, quer comentando, quer emitindo opiniões;</li> <li>• Pertinência das questões levantadas;</li> <li>• Atenção ou alheamento;</li> <li>• Nível de participação geral da turma</li> <li>• Motivação demonstrada</li> <li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática</li> <li>• Outras questões emergentes que tenham interesse, ou sejam relevantes, para a investigação</li> </ul>	
Actividade:	Registos:
<p>Visionamento do PowerPoint, com os quadros dos pintores contemporâneos portugueses, seleccionados de acordo com os temas, utilizados no desenho teste.</p> <p>Quadro 1 – "Lisboa / Madrid" – Joaquim Rodrigo</p>	<p>A turma participou de forma activa na observação das obras de arte, emitindo opiniões de carácter geral sobre o que estavam a observar.</p> <p>Quando revelado o titulo do quadro e o seu autor os alunos, na sua maioria, quiseram comentar o mesmo, relacionando-o com as suas opiniões.</p> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Caracteriza o Deserto" (aluno A)</li> <li>• "A terra como é em diferentes lugares e a natureza e as diferentes estações do ano" (aluno G)</li> <li>• "África Antiga, por causa das cores que estamos a ver" (aluno S)</li> <li>• "A selva com animais, árvores e rochas" (aluno D)</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• "Uma tarde de férias numa ilha rural" (aluno A)</li> <li>• "Deserto, porque é terra, montes e árvores" (aluno D)</li> </ul>

<p>Quadro 2 – “Almeria / Tordesillas” – Joaquim Rodrigo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Uma mensagem, que chama a atenção para a vida” (aluno B)</li> <li>• “Imigração. Um monte de pedras a apanhar o sol” (aluno R)</li> <li>• “Um passeio pela natureza, que passa pelas montanhas, lagos e mostra a lua e também os seres vivos” (aluno G)</li> </ul> <hr/>
<p>Quadro 3 – “Praia do Vau” – Joaquim Rodrigo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “A ilha da Atlântida” (aluno L)</li> <li>• “Uma cidade debaixo de água...a vida debaixo de terra e uma cidade” (aluno G)</li> <li>• “Formigueiro Moderno” (aluno S)</li> <li>• “Uma cidade africana” (aluno L)</li> <li>• “Uma cidade partida ao meio” (aluno C)</li> <li>• “Uma vila muito antiga, com um monstro no meio da vila e as pessoas a fugir” (aluno F)</li> <li>• “Uma horta” (aluno A)</li> </ul> <hr/>
<p>Quadro 4 – “Casamento” – Sarah Affonso</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Um príncipe e uma princesa de Portugal, com um rancho e uma banda filarmónica...vila com uma casa” (aluno I)</li> <li>• “A boda do marinheiro, pescador...” (aluno J)</li> <li>• “Um casamento ao ar livre, com música...numa terra muito antiga (por causa dos fatos que eles têm vestidos) (aluno D)</li> <li>• “Uma festa no campo...tem um arco e muitas flores...” (aluno M)</li> <li>• “Uma quinta, com um casamento à beira-mar” (aluno H)</li> <li>• “As festas de Sto. António” (aluno F)</li> </ul> <hr/>
<p>Quadro 5 – “As Meninas” – Sarah Affonso</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Duas irmãs Chinesas” (aluno T)</li> <li>• “Duas crianças pobres, porque têm cara pálida e estão tristes” (aluno D)</li> <li>• “A filha grávida com a mãe e ver um álbum de fotos, de recordações” (aluno E)</li> <li>• “Duas amigas a estudar ou a ler um livro” (aluno C)</li> </ul>

<p>Quadro 6 – “Domador” – José de Guimarães</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Um leão a passar por entre um arco de fogo, com um mágico” (aluno J)</li> <li>• “Um Dragão a tentar engolir um homem” (aluno D)</li> <li>• “Um cartaz do circo, com um mágico, um domador de leões e o ...leão, dragão, sapo...qualquer coisa esquisita” (aluno E)</li> <li>• “Um circo, onde o domador de leões, vai ser comido” (aluno G)</li> <li>• “Um leão a passar num arco de fogo, no circo” (aluno A)</li> <li>• “Um ouriço e um leão a comer o apresentador de um circo” (aluno Q)</li> <li>• “Um circo inventado na cabeça do pintor, com o número dois” (aluno C)</li> </ul> <hr/>
<p>Quadro 7 – “D. Sebastião e Luís de Camões” – José de Guimarães</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Revolta francesa, contra os portugueses” (aluno C)</li> <li>• “Descobrimientos” (aluno Q)</li> <li>• “Reis à beira – mar, barcos...Reis...coroas e luvas” (aluno J)</li> <li>• “Um rei e uma rainha junto a um lago, com o príncipe e a princesa a nadar com os peixes e patos” (aluno T)</li> <li>• “Evolução dos tempos antigos até agora” (aluno H)</li> <li>• “Uma visita ao Oceanário” (aluno P)</li> <li>• “Uma guerra muito antiga ao pé do mar” (aluno F)</li> </ul> <hr/>
<p>Quadro 8 – “D. Sebastião” – José de Guimarães</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Bichos” (aluno I)</li> <li>• “Pessoa vestida com uma planta – Cacto” (aluno T)</li> <li>• “Uma pessoa com pés de Dragão e barriga de uma cobra” (aluno D)</li> <li>• “Homem Cobra” (aluno G)</li> <li>• “Conjunto de vida de várias formas, porque pode ser um ser de outro planeta” (aluno H)</li> <li>• “Jogos de arco e flecha” (aluno A)</li> <li>• “Um homem com uma cobra ao meio” (aluno F)</li> <li>• “O Homem animal” (aluno C)</li> </ul>

	<p>Quando revelado o título do quadro e o seu autor, os alunos na sua maioria quiseram comentar o mesmo, relacionando-o com as suas opiniões.</p> <p>A última obra apresentada, devido aos imensos comentários e ao elevado nível de participação dos alunos, aconteceu em cima do toque de saída. No entanto, os alunos não abandonaram a sala sem que ficasse concluída a intervenção de todos e fosse apresentada a biografia reduzida do autor, que no caso foi José de Guimarães. (isto por vontade dos alunos que demonstraram um interesse em saber o percurso do pintor).</p>
<p><b>Outras Observações:</b> (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.) Parte da sessão foi filmada...</p>	



Grelha de observação	Data: 18/11/2010	6ºB
Actividade/aula nº 3: Realização de vários esboços para a produção de um objecto plástico relacionado com as temáticas abordadas mas com referências às vivências individuais de cada aluno.		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empenho demonstrado na realização dos esboços, para a criação do objecto plástico;</li> <li>• Empenho da turma na realização da actividade;</li> <li>• Motivação demonstrada individualmente;</li> <li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática;</li> <li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li> </ul>	
Actividade:	Registos:
<p>Apresentação das várias etapas para a produção do objecto plástico, referindo e demonstrando várias técnicas de decoração e pintura, como collage, texturas, objectos reciclados, etc.</p> <p>Produção de vários esboços, para o objecto plástico.</p>	<p>Quando estava a apresentar várias técnicas que poderiam utilizar na produção do objecto plástico, os alunos ficaram tão empolgados que logo após esta exposição e ainda antes de começarem a realizar os 1ºs esboços, tiveram que experimentar algumas das técnicas referenciadas...principalmente a recolha de texturas pela sala de aulas.</p> <p>Durante a realização de esboços, os alunos trocaram impressões com os colegas sobre o que estavam a desenhar.</p> <p>Ao realizarem os esboços, os alunos já referiam os materiais que iam utilizar...o que se veio a verificar na maioria dos casos.</p>
Outras Observações: (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)	



Grelha de observação	Data: 22/11/2010	6ºB
Actividade/aula nº 4: Realização de vários esboços para a produção de um objecto plástico relacionado com as temáticas abordadas mas com referências às vivências individuais de cada aluno.		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Empenho demonstrado na realização dos esboços, para a criação do objecto plástico;</li><li>• Empenho da turma na realização da actividade;</li><li>• Motivação demonstrada individualmente;</li><li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática;</li><li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li></ul>	
Actividade:	Registos:
Produção de vários esboços, para o objecto plástico.	Os alunos, após vários esboços seleccionaram o que tinha mais a ver com as suas preferências.
Realização dos primeiros estudos de cor e experimentação de algumas técnicas de pintura.	Começaram a projectar e experimentar técnicas que iam utilizar na produção do objecto plástico, tendo em conta as cores que iam ter.  Os alunos trocaram impressões entre eles sobre a melhor forma de pintar...quais as cores que iam utilizar...os materiais que iam colar e como não podia deixar de ser também pediram a opinião das professoras...que sem dar a resposta directa à pergunta, os encaminharam para algumas soluções.  O aluno L, que é o aluno com mais autonomia nesta turma e que gosta de experimentar coisas novas, foi o mais solicitado para dar a sua opinião / sugestão. A aluna J, como a aluna que tem as melhores notas da turma, também foi interpelada, algumas vezes, principalmente pelos alunos que costumam ter mais dificuldades, como a aluna B e o aluno P.
Outras Observações: (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)	



Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim

Ano Lectivo 2010/2011

Grelha de observação	Data: 25/11/2010	6ºB
Actividade/aula nº 5: Finalização das várias etapas para a produção de um objecto plástico relacionado com as temáticas abordadas mas com referências às vivências individuais de cada aluno.		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Empenho demonstrado na realização dos esboços, para a criação do objecto plástico;</li> <li>• Empenho da turma na realização da actividade;</li> <li>• Motivação demonstrada individualmente;</li> <li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática;</li> <li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li> </ul>	
Actividade:	Registos:
Experimentação das técnicas que vão utilizar na produção do objecto plástico.	<p>Terminadas todas as etapas para definir qual o desenho que iam realizar no objecto plástica, os alunos começaram por passar o projecto seleccionado para a tela. Utilizaram para o efeito o periscópio quando o desenho era pequeno ou o projector de acetatos, quando o desenho estava em tamanho A4 ou ainda, o papel vegetal quando o desenho estava em tamanho real.</p> <p>Houve partilha e entre ajuda entre os diferentes alunos, na experimentação de diferentes técnicas e na passagem do desenho para a tela.</p> <p>Partilha / entreaajuda – Os alunos ajudaram-se uns aos outros a passar os desenhos para a tela, apesar de haver alunos com diferentes ritmos de trabalho; devido à ajuda dos colegas todos conseguiram seguir as etapas mais ou menos ao mesmo tempo.</p>
Outras Observações: (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)	



Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim

Ano Lectivo 2010/2011

Grelha de observação	Data: 29/11/2010 e 02/12/2010	6ºB
Actividade/aula nº 6 e 7: Produção do objecto plástico de acordo com os esboços realizados e os materiais seleccionados.		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Motivação individual demonstrada na produção do objecto plástico;</li><li>• Nível de participação geral da turma;</li><li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática;</li><li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li></ul>	
Actividade:	Registos:
Produção do Objecto Plástico	<p>Início da produção da obra plástica:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Numa primeira fase os alunos experimentaram técnicas em cima de técnicas.</li><li>- Depois começaram por aplicar as que mais se “adequavam” às suas obras e ao que pretendiam representar.</li></ul> <p>Por exemplo: o aluno L, Obra Plástica “Oceano”, começou por pintar toda a obra com um único azul, tendo reparado depois e após os comentários de alguns colegas, que não era perceptível a diferença entre o céu e o mar. O aluno resolveu então pintar de cores diferentes, no entanto ainda não estava satisfeito, resolvendo aplicar / colar pequenos pedaços de papel e sementes...por fim obteve o resultado pretendido. A seguir, utilizou a mesma estratégia para representar o barco, apesar de o efeito não ter sido o melhor, o aluno optou por deixar ficar assim.</p> <p>O aluno M, “Castelo no meio do Céu”, queria representar o</p>

	<p>castelo, mas não estava a conseguir fazer a perspectiva, então a colega, aluna T deu-lhe uma ajuda na sua representação e posterior passagem para a tela.</p> <p>O aluno H, realizou uma obra plástica que pouco tinha a ver com o projecto que tinha realizado, pois os “bonecos / monstros” que tinha realizado possuía pormenores tão pequenos que ele não conseguiu representa-los. No entanto conseguiu dar a volta à técnica de pintura e optou por fazer novos “bonecos / monstros”.</p>
<b>Outras Observações:</b> (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)	



Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim

Ano Lectivo 2010/2011

Grelha de observação	Data: 06/12/2010	6ºB
Actividade/aula nº 8: Produção do objecto plástico de acordo com os esboços realizados e os materiais seleccionados.		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Motivação individual demonstrada na produção do objecto plástico;</li><li>• Nível de participação geral da turma;</li><li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática;</li><li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li></ul>	
Actividade:	Registos:
Produção do Objecto Plástico	<p>Os alunos demonstraram motivação na realização das suas obras plásticas, solicitando a ajuda dos colegas e professoras para o desenvolvimento das técnicas de pintura e colagem que estavam a aplicar.</p> <p>Podemos ouvir / registar comentários, como: “Professora depois no 3º Período podemos voltar a fazer isto” (aluno N)</p> <p>“Professora tenho ali um começado a pintar...mas posso pintar outra vez este” (aluno O)</p> <p>“Professora, posso pintar assim com os dedos...” (aluno I)</p> <p>Após experiência de várias técnicas, uma aluna faz o seguinte comentário: “Isto até parece uma pintura abstracta...” (aluno E)</p> <p>“Agora vou experimentar colar pedacinhos de papel para fazer o passeio...fica giro não fica ...” (aluno E)</p> <p>“Agora como é que isto se pinta... posso pintar com a</p>

	<p>esponja...não estou a gostar agora vou experimentar com as mãos.” (aluno H)</p> <p>“Professora, agora vou ajudar o aluno O...ele também já me ajudou...” (aluno N)</p> <p>“Professora, como é que faço cinzento? (aluno O) .... A turma respondeu quase em unísono “é branco e preto”</p>
<p><b>Outras Observações:</b> (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)</p>	



Grelha de observação	Data: 09/12/2010	6ºB
Actividade/aula nº 9: Conclusão do objecto plástico de acordo com os esboços realizados e os materiais seleccionados.		

Parâmetros a observar:	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Motivação individual demonstrada na produção do objecto plástico;</li><li>• Nível de participação geral da turma;</li><li>• Cansaço e desinteresse quanto à temática;</li><li>• Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação</li></ul>	
Actividade:	Registos:
Produção do Objecto Plástico	<p>Os alunos começaram a assinar as suas obras plásticas à medida que iam terminando as pinturas. Na sua maioria os alunos optaram por assinar em baixo à direita. No entanto outros assinaram a obra noutros locais.</p> <p>“Olha aqui O, achas que esta assinatura fica boa aqui...” (aluno N)</p> <p>“Quem precisa do verde...eu já não preciso mais? ninguém precisa...olhem que o verde dá trabalho a fazer...” (aluno N)</p>
Outras Observações: (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)	



Escola Básica do 2º e 3º Ciclo de Fazendas de Almeirim

Ano Lectivo 2010/2011

Grelha de observação	Data: 13/12/2010	6ºB
Actividade/aula nº 10: Preparação e montagem da exposição “O Cantinho da Criação”.		

Parâmetros a observar:

- Participação dos alunos na montagem da exposição, quer comentando, quer emitindo opiniões;
- Nível de participação geral da turma
- Motivação demonstrada
- Cansaço e desinteresse quanto à temática
- Outras questões emergentes, que tenham interesse ou sejam relevantes para a investigação

Actividade:	Registos:
Montagem da Exposição “Cantinho da Criação”	<p>Em sala de aula e após a turma e as professoras terem dado uma volta pelo recinto escolar.</p> <p>Com um pequeno debate seleccionou-se o título da exposição, tendo o “Cantinho da Criação” reunido um maior número de pontos.</p> <p>Seguiu-se a realização da faixa identificativa da exposição e combinou-se o dia para a sua montagem... que ficou adiada para o início do 2º Período, depois da época natalícia.</p> <p>Elaborou-se “O Livro de exposição”, para que as pessoas pudessem colocar as suas impressões / opiniões sobre a mesma.</p> <p>Realizou-se convites para enviar aos pais e a toda a comunidade escolar. Fez-se com convite especial para entregar na direcção da escola para agradecer toda a ajuda que deram no desenvolvimento deste Projecto.</p>

<p>Reacção à Exposição</p>	<p>No dia 12 de Janeiro, a exposição foi dada a conhecer à escola e o feedback foi muito positivo.</p> <p>Podemos ler no “Livro de visitas”: “ A exposição está muito interessante, tem muita cor...”</p> <p>“Podem continuar a produzir mais obras...para termos exposições durante o ano inteiro.”</p> <p>“Os alunos do 6ºB, trabalharam muito bem...obrigado por esta exposição.”</p> <p>Alguns dos comentários, foram realizados pelos Encarregados de Educação que se deslocaram à escola, para ver os trabalhos dos filhos.</p> <p>A Direcção da escola também fez questão de assinar o livro de visitas, referindo “A turma do 6ºB, trouxe-nos uma amostra da nossa comunidade envolvente com muita cor e alegria. Parabéns à turma e professoras do 6ºB...podem continuar a realizar projectos...”</p> <p>A exposição foi um sucesso. Era para ficar até final de Janeiro, mas a pedido de vários professores e pais ficou até à 2ª semana de Fevereiro.</p>
----------------------------	--

**Outras Observações:** (Ex. recolha de dados pelo par pedagógico ou também existe registo áudio/vídeo, etc.)

Na última aula do 1º Período a 15/12/2010, foi realizado a auto-avaliação da actividade em diálogo com os alunos, que por unanimidade gostaram do trabalho desenvolvido, referindo que gostavam de o voltar a realizar outra vez, pois já tinham mais ideias para fazer outras obras plásticas...”Queria desenhar sobre a minha viagem ao Algarve e utilizar umas pedrinhas que apanhei quando lá fui.” (aluno E) ou “ O professora, eu também podia desenhar sobre a visita de estudo que fizemos no ano passado ao Carsoscópio...era tão giro” (aluno S).